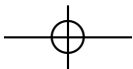


A árvore dos cantos

Amoa hi ã he rë haanowehei

*Ou o livro das transformações, contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*



edição brasileira © Hedra 2026
organização e tradução © Anne Ballester Soares

coordenação da coleção Luísa Valentini
edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
revisão Luísa Valentini e Vicente Sampaio
capa Lucas Kröeff

ISBN 978-65-89705-69-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Pajés Parahiteri

A árvore dos cantos. Pajés Parahiteri; organização e tradução de Anne Ballester. 2. ed. São Paulo, sp: Hedra, 2025.

ISBN 978-65-89705-69-7

1. Conto. 2. Literatura brasileira. I. Pajés Parahiteri. II. Ballester, Anne.
III. Título.

CDD: 869.93

Elaborado por Janaina Ramos (CRB 8/ 9166)

Índices para catálogo sistemático:

I. Conto: Literatura brasileira

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
Rua Sete de Abril, 235, cj. 102
01043-000 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

A árvore dos cantos

Amoa hi ã he rë haanowehei

*Ou o livro das transformações, contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

Pajés Parahiteri

Anne Ballester Soares (*organização e tradução*)

2ª edição

hedra

São Paulo 2026

A árvore dos cantos faz parte do segmento yanomami da coleção Mundo Indígena — com *O surgimento dos pássaros*, *O surgimento da noite* e *Os comedores de terra* —, que reúne quatro cadernos de histórias dos povos Yanomami contadas pelo grupo Parahiteri. Trata-se da origem do mundo de acordo com os saberes desse povo, explicando como, aos poucos, ele veio a ser como é hoje. A história que dá nome a este volume conta o surgimento do canto, que nasceu a partir de uma árvore. Reúne ainda outras narrativas, como as que tratam do surgimento da cobra, da flecha, e da multiplicação das onças.

Anne Ballester foi coordenadora da ONG Rios Profundos e conviveu vinte anos com os Yanomami do rio Marauíá. Trabalhou como professora na área amazônica e atuou como mediadora e intérprete em diversos *xapono* do rio Marauíá — onde também coordenou um programa educativo. Dedicou-se à difusão da escola diferenciada nos *xapono* da região, assim como à formação de professores yanomami, em parceria com a CCPY Roraima, incorporada atualmente ao Instituto Socioambiental (ISA). Ajudou a organizar cartilhas monolíngues e bilíngues para as escolas yanomami a fim de que os professores pudessem trabalhar em sua língua materna. Trabalhou na formação política e criação da Associação Kurikama Yanomami do Marauíá e participou da elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), organizado pela Hutukara Associação Yanomami e o ISA.

Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, por isso parte significativa das obras é bilíngue. Esperamos divulgar a imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de trinta famílias linguísticas.

Sumário

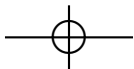
Nota da organizadora	9
Como foi feito este livro	11
Para ler as palavras yanomami	13
A ÁRVORE DOS CANTOS.	15
A árvore dos cantos	17
Amoa hi ã he rë haanowehei	21
Monstro Këyakëya	25
Këyakëya	29
O surgimento das cobras	33
Të pë rë oruprarionowei	37
A Onça e a Centopeia	41
Ira xo, wapororitawë xo ki he haapii	43
A Onça e o Tatu	45
Ira xo, opo xo ki he haapii	47
A multiplicação das onças	49
Ira pë rë pararoyonowei	51
Minhocão	53
Horemariwë	59
O pássaro <i>popomari</i>	65
Popomaritawë	67
O surgimento da flecha	69

Xereka a rē kuprarionowei.....	71
Antes do surgimento do terçado.....	73
Sipara a rē kuprarionowei	75
O corte dos cabelos	77
Të pë hemakasi pëyomou rē hapamonowei.....	79

Nota da organizadora

Este livro reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini sobre os tempos antigos, quando seres que hoje são animais e espíritos eram gente como os Yanomami de hoje. Essas histórias contam como o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos conhecimentos dos Yanomami que as pessoas aprendem e amadurecem ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem essas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Como foi feito este livro

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

DA TRANSCRIÇÃO À TRADUÇÃO

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipiwei, do rio Jutai, e cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e transcrições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guarani Tenonde Porã.

No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipiwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo

e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komi-xipiwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tẽ ã — História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente nos rios Demini, Padauri e Marauíá. Para quem quer conhecer melhor a língua xamatari, recomendamos os trabalhos de Henri Ramirez e o *Diccionario enciclopedico de la lengua yãnomãmi*, de Jacques Lizot.

A PUBLICAÇÃO

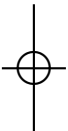
Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma reedição dos textos, retraduzindo, anotando e ordenando assim narrativas para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami. E com a ajuda do PROAC, programa de apoio da SECULT-SP e da antropóloga Luísa Valentini, que organiza a coleção Mundo Indígena, publicamos agora uma versão bilíngue das principais narrativas coletadas, com o digno propósito de fazer circular um livro que seja, ao mesmo tempo, de uso dos yanomami e dos *napë* — como eles nos chamam.

Este livro, assim como o volume do qual ele se origina, é dedicado com afeto à memória de nosso amigo, o indigenista e antropólogo Luis Fernando Pereira, que trabalhou muito com as comunidades yanomami do Demini.

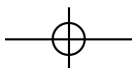
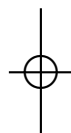
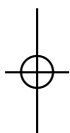
Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo linguista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami. Para ter ideia dos sons, indicamos abaixo:

- /i/ vogal alta, emitida do céu da boca, próximo a *i* e *u*;
- /ë/ vogal entre o *e* e o *o* do português;
- /w/ *u* curto, como em *língua*;
- /y/ *i* curto, como em *Mário*;
- /e/ vogal *e*, como em português;
- /o/ *o*, como em português;
- /u/ *u*, como em português;
- /i/ *i*, como em português;
- /a/ *a*, como em português;
- /p/ como *p* ou *b* em português;
- /t/ como *t* ou *d* em português;
- /k/ como *c* de *casa*;
- /h/ como o *rr* em *carro*, aspirado e suave;
- /x/ como *x* em *xaxim*;
- /s/ como *s* em *sapo*;
- /m/ como *m* em *mamãe*;
- /n/ como *n* em *nada*;
- /r/ como *r* em *puro*.



A árvore dos cantos



A árvore dos cantos

Nós vamos cantar. No início, não havia canto, não havia, ninguém cantava. Onde se erguia a árvore dos cantos, os dois foram caçar. Dois moços Wakusitari — dois não, um só moço, que a descobriu em sua região.

Os Katarowëteri eram os amigos dos Yãrusi, cujo líder se chamava Yãrusi. Do outro lado da planície, eles, os Wakusitari encontraram a árvore dos cantos.

Outros dizem que foram os Koteahiteri que descobriram a árvore cantando, e que chamaram os Katarowëteri para pegar os cantos.

Graças à árvore, os Koteahiteri se enfeitaram com penas de cauda de papagaio, pintaram-se com elegância, colocando crista de mutum, e dançaram. Era uma região bonita e plana onde crescia somente a planta ária. Eles ocupavam uma bela região.

Por isso, dois moços koteahiteri foram caçar.

— Vamos entrar na mata, lá adiante!

O irmão mais velho e o irmão mais novo foram caçar. A floresta parecia mais baixa por causa da luz forte, como a luz do dia na roça. Foram embora naquela direção, andando. Andavam no meio do brejo, andavam no meio, ouviram os ecos dos cantos.

Não havia sujeira no chão onde encontraram a árvore dos cantos dançando, para frente e para trás. Havia somente areia bonita e muito brilhante. A árvore dançava.

— *Äë, äë, äë, e, e, e, e, e, äë, äë, äë, äë!* — encontraram a árvore cantando assim.

— *Ë, aëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë!* — cantava a árvore.

Enquanto isso, o irmão katarowëteri, o filho mais velho, disse:

— Õo, irmão menor! Dá pra ouvir um canto, lá onde há uma luz grande acima do pântano, o som do canto vibra lá, escute isso! Provavelmente é o som de um grande monstro! Esse som, naquela direção, mais adiante! Vamos nos aproximar por ali, abrir um caminho no areal! Venha aqui! Vamos, irmão menor! Vamos logo olhar de perto!

— Será voz de gente? — disseram os dois.

Onde a árvore dançava, a luz forte batia na areia bonita.

— Õoooãaaa! Vamos, irmão menor, vamos! A árvore dos cantos está dançando, vamos, vamos, vamos até nosso pai, para avisá-lo! — disse.

O irmão menor subiu em uma árvore bonita *matomi* inclinada, para ver se havia gente por perto, se via algum movimento, subiu e ficou no alto.

Ali, na areia, a luz brilhava de todas as cores, repousava bem no centro, e a árvore dançava devagar para frente e para trás, cantando. A boca da árvore era bem bonita, e a árvore dançava para frente e para trás.

O irmão menor desceu e disse:

— Õoooãaaa! Irmão mais velho! Irmão mais velho! Nossa! Está lá cantando e dançando, de uma maneira tão bonita, é a árvore dos cantos! Querido, parece que essa árvore canta, essa árvore tem cantos bonitos!

— Vamos! Vamos até nosso pai!

Os dois disseram e correram imediatamente. Chegaram correndo.

— *Prohu!* Chegamos!

Eles encontraram esse som e se enfeitaram por causa da árvore dos cantos.

— Meus queridos! Enfeitem-se para pegarem cantos bonitos!

— disse o líder dos Koteahiteri.

O irmão mais velho fez o *himou* com o pai, contando-lhe sobre a árvore dos cantos.¹

— *Tãrai! Ha! Meu pai! Pai! Olhe! Sou teu filho, olhe! Você não sabe por que voltei logo correndo! Você nem sabe! Pai! Pai! Pai! Você nem imagina o canto bonito que meus ouvidos ouviram! De arregalar os olhos! Meu pai! Meu pai! Meu pai! Você que mora aqui, eu sou seu filho, eu não lhe diria para proibir as mulheres se enfeitarem!* — disse.

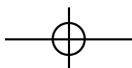
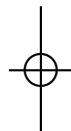
— É claro! É claro! Queria ouvir isso mesmo, meu filho mais velho, querido! — respondeu seu pai.

Fez o *himou*:

— *Vamos! Ōoooãaaaaõõãõõã! Ele viu uma bonita árvore dos cantos! Ōõoo!* — gritaram.

Ficaram animados.

1. O *himou* é uma modalidade de diálogo cerimonial usada para trazer notícias, ou fazer um convite para uma festa.



Amoa hi ā he rē haanowehei

AMOA pēma a tapē. Hapa amoa a kuonomi. Kuonomi, ai tē pē kāi amoamonomi, tēhē amoa kama hi rē upraatayowei hami, ki rami hupirayoma.

Kutaeni hi ā eē hapirema Wakusitari a huyani, kipini mai, yami a huyani. Katarowēteri pē rē kui, Yārusi kama nohi e pē wāha kuoma, Yarusi pēriami a wāha kuoma yaro. Ihi ai maxi yari hami Wakusitari pēni amoa hi ā he haremahe.

Inaha ai tē pē kui: Hei Koteahiteri pē yaini amoa kē hī ā he haremahe. Katarowēteri kē pē ha nakarēheni, amoa kē hī ā toamahe.

Amoa hi nohi pauxiamahe. Werehi xina pata huuhamahe. Pē onimoma, pē no aiama, ikimo a huuhamahe, pē ha kuaani, amoa hi nohi praiamahe. Urihi katehe kē, kuma kē masi he pata yarimoma, urihi katehe a pomahe.

Pouhe yaro, ihi Koteahiteri huyahuya ki rami apiyo hērima. Ki rami ha apiro hērima.

— Kiha pēhē ki ha paikutuni!

Hei pē pata, hei pē oxe, inaha rami kē ki hupima, rami kē ki apiyo hērima. Kutaeni, hīii! e tē xīi pata yahatotoa hērima. Hikari kurenaha e tē xīi pata kuaa hērima. Kuaa hēripē hami, kipi katito hērima. Matotapi hērima.

Yāmaro kē xīi pata hami ki mi amopia hērima, mi amopia hēriiweiuiiiiii, mi amo yai ha amoa kē ā wa karēhoma, mi amo yai ha hēka a praopē ha kunomai, amoa kē hi tirurou he hapirema, makamaka katehe kē a pata yaixīi no aihimou totihiope hami, amoa kē hi tiruroma.

— *Āē, āē, āē, e, e, e, e, e, āē, āē, āē, āē!* — amoa e hi kupii he harema. — *Ē, aēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē!* — amoa e hi kupima. Kui ha, Katarowēteri pata a rē kui, ihirupi pata e rē kui:

— *Ōo! Ōasi!* Amoa a nohi karēhorati kihi tē xīi pata rē makerati ha, kihi amoa, kiha amoa kē a morokai kurati, yimika ta taprao, ihi rē — e kuma — Yai tē ā pata pē wēē! — pata e kuapraroma. Ihi Koteahiteri pēni. — Kihi tē ā rē morokarati hami, mihi tē pata makamakapi rē matoto piyēhēri hami, wa yo ha reikimapaharuni, a ta ahehetetaru! — pata e rē kuyaronowei — Pei! Oxei! Pēhē tē ta mīi ahetou xoao!

— Yanomami rē tē pē ā mata tawē!

Ki noā tapiyoma, amoa kē hi tirurupē hami. *Hīiiii!* Makamaka katehe kē e xīi pata makeoma.

— *Ōooāaaa!* pei kē, oxei, pei kē oxei, amoa hi rē tiruropiyei ē, pei kē, pei kē, hayē kē ihami ēē, hayē pēhē a yimikamapēē! — e kuma.

Matomi katehe hi pata kaiopē hami, oxe e tukema, Yanomami tē pē mīi ha, tē pē xurirou mīi ha, e ha tuikuni, e ha tirehetaruni.

Kihi makamaka kē a xīi pata no aiwē makeai kupiyei, mi amo yai hami amoa kē hi wa kīi opi tirutirumoma, tē hi kahiki no aiwē no kirii, e tē hi tiruroma.

— *Ōooāaaa!* — e ha nihoroto hēriini — Apa! Apa! Kurahē katehe kē tē wā kīi tirurou kuopiyei. Apa, amoa kē hi ē! — a kuma. — Pusi amoa kē hī ā no taiē, pusi amoa katehe kē hī ā rē taiē! — e kuma.

— Pei kē! Hayē kē ihami ē! Ki ha kupini, ki rērēpia xoape hērima. Ki ha rērēpipo hēriini:

— *Prohu!* — e ki kupima.

Amoa hi nohi pauxiaihe ha:

— Pusi pei kē pē ta pauximo xē! Amoa katehe wama a toapē! — pēriami Koteahiteri e kumahe.

Hi nohi himopīama pē patani e hi nohi himoama, amoa hi wāha nohi wēai ha, pē hīi iha.

— *Tārai!* — e kuma — *Ha!* Napemi! Napemi! Ha! Hei yarohē ya rē kuii, ha! Weti wa tē tai ha, wa tē rērēi mī yapa a ta kuponi? Wa puhi kuorani ha kunomai! Napemi! Napemi! Napemi! Hei ya yimika ha amoa katehe ya rē hiritaiwei! Ya mamo rē ikeketouwei, napemi! Napemi! Napemi! Hei ki suwē

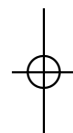
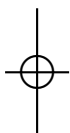
rē kui, ki pauximomai mai! E roa yai a ta pēra! Yarohē ya rīya
kuorani kunomai! — e kuoma. E kui ha:

— Hāo! Hāooooo! Noa tai yai a ta pēraxēa. Pusiwē! Pusiwē!
Ha! Inaha rē kē, inaha rē kē — pē hii e kuma.

E nohi himoama.

— Pei kē! *Ōoāaōoāaōoāa!* Amoa katehe hi he hōra rē hare-
nowē! *Ōoooo!* — e pē kuma.

E pē xi wā kāi toaama.



Monstro Këyakëya

HAVIA também os que viviam na região centro-sul, os Yäimoropiwei, que ficaram presos, pois moravam dentro da terra com o monstro Këyakëya — que, portanto, não era gente.

Os que asfixiaram Këyakëya existiam bem antes de nossos antepassados. Këyakëya morava dentro da terra, na vizinhança do *xapono* dos ancestrais.¹

Apesar de ser um monstro, Këyakëya era líder dos Yäimoropiwei. Os companheiros de Këyakëya moravam dentro da terra e a casa deles tinha um respiradouro, como o da casa do tatu. A casa de Këyakëya também tinha um respiradouro. Moravam ali também os Motuxi, que se dividiram e se espalharam.

Os Prâkiawëteri asfixiaram Këyakëya, tentando matá-lo. Asfixiaram-no, foi assim que nos ensinaram a matar. Eles não o mataram com flecha.

No início, não havia matança, não havia inimizade, não havia briga mortal. Os *napë* também não existiam.² Os nossos antepassados não sabiam manifestar ira nem raiva.

Ele conseguiu escapar sob a forma de espírito. Ele não se transformou à toa. Os companheiros dele, como nós, sempre padeciam de fome; todos morreram pela fumaça que entrou no buraco.

1. Os *xapono* são as casas coletivas circulares onde moram os Yanomami. Cada casa corresponde a uma comunidade; em geral não se fazem duas casas numa mesma localidade.

2. O termo *napë* designa os estrangeiros, em geral os brancos, ou quem adotou seus costumes.

Këyakëya nos legou o sentido de vingança por causa da filha de quem? Qual é o nome do pai cuja filha foi vítima da crueldade de Këyakëya, que chegou e entrou no *xapono*? A vítima que, brutalmente, Këyakëya fez descer da rede e sair era a filha do líder dos Naiyawëteri. Era uma moça bonita, realmente muito bonita. Ela estava na primeira menstruação e, mesmo assim, ele a arrancou da reclusão.

Apesar de ser monstro, Këyakëya existia e vivia como gente. Como morava dentro de um buraco, depois de trucidar a menina menstruada, ele e os demais membros do grupo foram asfixiados pelos Prâkiawëteri. Mas apenas Këyakëya conseguiu fugir, se tornando eterno na forma de espírito. Ele ainda existe como espírito.

Naiyawë desganhava um pé de fruta *nai*³ em uma roça distante. *Aooo, aoooo, aoooo, aooo!* Fazia assim para sua gente.

Enquanto eles comiam a fruta *nai*, Këyakëya arrancou a menina do seu recluso, matou-a e a devorou. Ele a comeu sozinho.

Fez lascas pequenas da carne das demais crianças, que também havia trucidado, para oferecer a todos seus companheiros. Amontoou as lascas de carne que ele colocou no seu grande cesto, chamado *yotema*. Carregou todos os restos das crianças massacradas e levou junto o irmão da menina menstruada, que estava vivo e bonito. Ele o fez sentar em cima dos cadáveres dentro do cesto.

O menino vivo, que ele levou, transformou-se em papagaio durante o percurso. Këyakëya saiu do *xapono* dos Naiyawëteri e andava a passos largos, foi então que o menino, já de longe, disse:

— *Kuao! Kuao! Kuao!*

Esse som se tornou o som dos papagaios. Esses pássaros voam; ele pousou em um galho e assim ficou. Këyakëya olhou para a beira do cesto, querendo ver se o menino ainda estava sentado. Fez o filho de Naiyawëse tornar papagaio. Como o menino não estava, ele retornou àquela direção. O menino se tornou a imagem do papagaio que grita: *Kuao! Kuao! Kuao!*

3. Segundo Lizot, uma balateira, *Manilkara bidentata*.

— Ouça! Meu xerimbabo! Onde você pousou? *Kuato, kuato, kuato!* — disse Këyakëya voltando e correndo. — Em qual paragem você ficou? *Kuato, kuato, kuato!*

— *Õiyaoooo!* — disse o papagaio.

Assim disse aquele que, apesar de ser filho de gente, tornou-se papagaio.

É a história dos antepassados. Também existiam monstros com outros *xapono*, sendo essa a história de Këyakëya e dos Yäimoropiwei, que moravam em *xapono* pouco distantes um do outro.

Depois, aparecerá o nome do rio que tirará e levará muitos ancestrais Yanomami. É somente depois da história dos Yanomami levados pelo rio que vem nossa história. Os Waika a contam de uma maneira diferente, eles a contam conforme seus antepassados lhes contaram.⁴

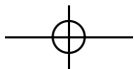
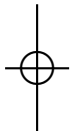
Os companheiros de Këyakëya não sobreviveram, morreram todos pela fumaça. Eles os asfixiaram a todos, somente Këyakëya sobreviveu, se transformando em espírito eterno. Esse sobrevivente alcançou o *xapono* dos espíritos, pois se tornou um deles, quando ainda eram Yanomami e moravam como nós. Ele os alcançou e ficou lá.

Não mora mais onde o asfixiaram. Somente restou o marco dele. Não pensem que os companheiros de Këyakëya sobreviveram e se agruparam enquanto ele alcançava os espíritos!

Não houve sobreviventes do grupo dos Naiyawëteri. Acontecerá depois. Os sobreviventes eram os que afundaram, não os outros antepassados. As águas sobem devagar e os que afundam são os únicos sobreviventes.

Depois, os que tinham o mesmo nome que as montanhas também sobreviveram.

4. O par *waika/ xamatari* parece ter sido usado originalmente para designar outros grupos yanomami vivendo em região geográfica diversa de quem fala, os primeiros ao Norte e Oeste, e os segundos ao Sul, reconhecendo-se neles conjuntos de características que os particularizam. Os termos foram atribuídos em diferentes momentos pelos brancos para designar grupos específicos de forma estável e, no caso de *xamatari*, para designar a própria língua do tronco yanomami usada pelos Parahiteri que fizeram este livro.



Këyakëya

KAMA pë rë kuonowei koro ha mi amo ha, pë xi rë wã-rionowei, pë rii rë titionowei, yai tēni pë kãi titioma. Këyakëya, Yanomamimi makui, a përioma.

A rë yarënowehei. Kamiyë pëma ki no patapi përio mao tēhë, tē pë rë përio xomaonowei tē pë wãha xomaa. Ihi pata pë yahipi he tikë ha, pëixoki ha, yai tē titioma.

Këyakëya përiami a wãha, yai tē makui. Ihini Yãimoropiweiteri pë kãi përioma. Këyakëyani pë kãi rë titionowei, mahu hëremopi kuoma, opo pë hëremopi rë kurenaha Këyakëya yai tē hëremopi kuoma kutaeni, Motuxi pë pata xereremou piyëkë-moma kutaeni, kama e pë kãi rë përiowei, Motuxiwëteri pë kãi titioma. Këyakëya ei pë wãha.

Wetini Këyakëya pë kãi rë titiaiwei, weti naha pë wãha kuoma? Ihi Prãkiawëteri pëni Këyakëya a yarëmahe, a xëpraremahe. Ihi pëni pëma ki ixou hiraihe ha, Yãimoropiweiteri pëni Këyakëya a unokai yarëmahe. A xëprapehe, a yarëmahe, kamiyë pëma ki xëprayopë. A nianomihe.

Hapa niayou tē kuonomi. Pëma ki napëmayou, xëprai tē kuonomi. Napë pë makui, pë kãi kuonomi. Pëma ki nohi patama waitirimou taonomi, huxuo kãi taonomi, ihi pë xëremahe.

Këyakëya a xëprai puhima makuhei, a xëpranomihe. A hekura tokua he yatirayoma, kama a kuprou pëonomi. Hei kamiyë kureneha kuwë tē pë no xïro preaama, tē pë hititiwë nomarayoma.

Këyakëyani weti tēëpi noã prearema? Këyakëyani pë tēë e napë rë itorayonowei, e napë rë harayonowei, weti naha pë hïi e wãha kuoma? Naiyawëteri ihirupi, tēëpi noã prearema.

Kama përiami Naiyawëteri a yai kuoma. Suwë katehe a yai kuoma. Pë tëë e yai riëhëoma, kamiyë kurenaha mai! Ihi suwë katehe yipi a ha ukëa he ha yatirëni, a noã prearema.

Ihi a përioma, Këyakëya a rë përiowei, yai të makui Këyakëya a Yanomami përioma. A titioma kutaeni, inaha të tama yaro, yipi hena xëprai xi ha wāironi, kama e pë rë kui, e pë no ha preraruni, e pë ha yarërarihen, kama a rë kui a parimi hekura tokua xoarayoma. Ihi a hëa xoa, hekura.

Kihi hikari a rë kurahari naha, nai a pehi pata tihetimamahe ha:
— *Āooo, āoooo, āoooo, āooo!* — Naiyawëteri e pë kuma.

Nai a waihe tëhë, a ukëa hearema. A xëprapë, a wapë. A warema. Yamini a warema.

Nakaxi yāhi pë wai ha tani, tani, kama urihiteri pë haikama, pë topërarema. E yāhi ki ha orihen. Pë ihirupi pë no maprai hearayoma yaro, hititiwë pë mi këa heararema, pë yehire hërima, kama yotema e hami. Ihiru e pë no payeri rë tapraiwei, pë titire hërima. Ihi pë tai makure, a rë përiaiwei, yaipi rë këprarihe, ihirupi e rë kui a yure hërima. Temi. A rë riëhei. E tikëmare hërima.

Ei a rë yurehe, kiha a kâi kutou tëhë, werehi e kuprarioma. Hëyëha a kâi rë hare, a kâi rë rahurahumoimati, kihi karexi si rë prarahari naha a kâi kutou tëhë:

— *Kuao, kuao, kuao!* — të pë werehi rë kuuwei a no uhutipi kuprarioma, të pë yëi ha piyei kuni heinaha e ha waroroikuni, e kasiki mīprarema, Këyakëyani, e tikëa mīi ha. Përiami e ihirupi werehipramarema. A maa ha, e wā kâi yëa mi yapakema:

— Tārio, weti ha wa hore piyëkei kuhe? a wāti. Kuato, kuato, kuato! — e kui mi rërëa mi yapakema — Weti ha a hëprario kuhe? Kuato, kuato, kuato!

— *Ōiyaoooo!* — e kurayoma. Yanomami ihirupi kuoma makui, e kua topramarema, inaha e kuma.

Inaha të ã kua, pata të rë kui, inaha të pë kuaama. Ihi yai tëni pë kâi përioma, ihi tëhë ai të pë rë përiowei, ihi të ha, hei Këyakëya a rë yarënowehei, Yāimoropiweiteri pë hirao he paoma.

Ihi ei rë pë rë kui, waiha pei rë u kē wāha rë taore hami, pë rë pakakumare të wāha kupropë. Ihi rë të he tikë hami, të he

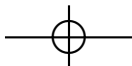
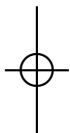
tikēatayoa, tē he tikēa kurati, komosi tē ā yai. Hei Waika pē rē kui, maa, kama e tē rii taihe. Kama pē no patapi wāha rii tao. Kamiyē pēma ki no patapini tē ā rē wēyēnowehei ei tē ā rii. Tē rii ma rē yaitapraruhe. Ihi kama, ihi tē rii maxi hami, īnaha tē kuoma, hapa tē pē rē pērionowei.

Ihi Kēyakēya urihi teri pē rē kuonowei tē maxi hami pē rē kuonowei, Kēyakēya urihiteri pē rē kui, ai e pē hēpronomi, kai wakē xini, pē xēpraremahe. Pē yarēprai haikirayomahe yaro, ai pē temi haimi, hei pē rē kui, Kēyakēya kama a rē kui, a hekura ha parimipraruni, a hētarioma. A nomanomi. Ei a rē kui, hekura pē iha a waroopē, a hēprario kuhe, Kēyakēya hekura. Yanomami pē kuo tēhē, hei pēma ki rē kurenaha hekura pē pērioma. E warokemahe. Iha a kuopē.

Kama a rē yarēnowehei ha a titia xoaami. Hekura yai tē pē iha a warokema. Pei uno kua hēa. Hei pē rē kui, hei pē rē hēpraruhe, hei pē rē kui, Kēyakēya hēyēmi e kua rē xoaragai weti naha kuwē tē pē hiraopē ha, Kēyakēya a warokema, pē puhi kuu mai! A warokema.

Naiyawēteri pē rē hēre, hei pē hētopē mai! Hei pē mixi rē tuore, pē xīro hēprario, ai tē pē no patama hēpronomi. Wāisipi, īsitoripi tē u wai rē ōkimouwei, pē mixi rē tuowei pē rē kure, hei kē pē.

Ihi pē rē kui, te he tikē hami ai pē rii, pei ma pē rē kui, ma pē wāha rē yehiponowehei, ihi pē kāi hēprarioma.



O surgimento das cobras

N ESSA época também, as cobras não rastejavam como rastejam hoje, elas viviam como os Yanomami. Transformaram-se onde desceu o Sangue da Lua, na floresta. Lá, caíram as cobras que picam. Transformaram-se em cobras lá em cima, enquanto iam para uma festa. Hoje, quando vocês olham para o céu, vocês veem o peito daqueles que se transformaram em cobras. Não havia cobras, nem jiboias, nem sucurijus. Os poraquê não existiam, nem os peixes. Nós comemos a carne de gente.

Eles se transformaram em cobra, não no *xapono*, mas nesta floresta mesmo. Foram chamados e foram lá, Wataperariwë e Jiboia, o irmão mais velho. Foram lá longe com as Cobras, mas se transformaram na floresta. Eles, então, não foram dançar.

Com a cabeça coberta de penas brancas, dessa mesma forma que nós nos pintamos, cada um pintou seu corpo com listras diferentes. As Cobras moravam na sua própria região, como gente. Transformaram-se quando foram convidadas a dançar. Elas antes viviam como gente.

Quem eram os dois *tuxauas*? O irmão mais velho e o irmão mais novo moravam com as Cobras. Os dois também foram dançar. Watawatariwë e Jiboia moravam com seu grupo, as Cobras. Jiboia era o irmão do meio. Watawatariwë era o caçula. Os dois irmãos mais velhos eram esses: Jiboia e Sucuriju, que nasceu primeiro. Aqueles que se pintaram eram três, pois havia também Watawatariwë, o caçula, por isso nós nos pintaremos assim.

Os Parawari também viviam com eles. Por causa deles se metamorfosearam, porque os Parawari os levaram.

Todos eles moravam em frente à serra Wāyapoto, que ainda tem esse nome. Ocupavam essa região ao pé da serra na planície. Eram todos bonitos. É o nome da região onde moravam os antepassados. É o verdadeiro nome dessa região. As Cobras bebiam a água do rio Wāyapo, tomavam banho, se lavavam nesse rio bonito. Tomavam banho e bebiam água.

Eles nos ensinaram, assim, a dançar, mas, infelizmente, se metamorfosearam. Eles iriam dançar, mas, infelizmente, se transformaram. Iriam dançar. Transformaram-se em cobras imediatamente. Tornaram-se cobras. Não foram dançar no *xapono* de outros.

Em que *xapono* iam dançar? No *xapono* daqueles que se transformaram, que ainda existe na terra plana. Aqueles que se transformaram, apesar de se pintarem fora do *xapono*, sofreram a metamorfose, transformaram-se em cobras.

Os que convidaram as Cobras, como se chamavam esses antepassados? Eles gritavam enquanto cozinhavam o mingau de banana para os visitantes.

— Por que estão agindo assim? — perguntaram-se.

Pareciam gritar de propósito. Transformaram-se perto do *xapono* dos Jalouaca. Transformaram-se perto desse *xapono*. Transformaram-se. Os antepassados se chamavam assim, Jalouaca. Assim se chamava o líder. Eram espíritos, são nomes de espírito. Eram Yanomami e moravam como os Yanomami.

Apesar de morarem, assim como nós, após a metamorfose em cobra eles não voltaram à condição de seres comuns. Pintaram-se fora do *xapono* dos Jalouaca, pensando:

— Os Yanomami se pintarão assim!

E se pintaram com listras. Pintaram-se, na parte superior do braço, com cor de sangue preto, igual à cor de meu irmão mais novo, como a cor de seu braço. As cobras *maraxari* se pintaram assim; a cobra-coral também se pintou com manchas vermelhas.

O segundo grupo do *xapono* das Cobras se pintou em outro lugar, distante, para que aquelas do outro grupo, que se

achavam bonitas, se zangassem. Elas tomaram banho no rio Wataperari, cuja água era branca. Ficaram onde brilhava a luz. Assim era a luz do rio. Perto do *xapono* dos Jalouaca, havia o rio, o rio apareceu de repente.

Um pouco longe do *xapono*, as outras Cobras se pintavam juntas.

Pintaram-se. No segundo grupo havia uma mulher. Os bonitos desse grupo, eram muito bonitos, chegaram até as outras cobras. Chegaram também com eles dois Parawari bonitos, todos eram muito bonitos. Chegaram. A beleza de suas pinturas incomodou os outros, que ficaram com inveja. Chegaram, enquanto os outros se pintavam com riscas. Aquele, cujo nome eu dei, apareceu no meio deles, Sucuriju. Ele, o irmão mais velho, estava ao final dos que chegavam, aquele que tem grandes desenhos.

— *Hĩhĩ! Wĩsa! Wĩsa!* — assobiaram.

Os do primeiro grupo, ainda se pintando, viraram a cabeça para olhar em direção das cobras bonitas chegando, e disseram, felizes:

— Acabei de me pintar desse jeito!

Apesar de não terem dentes como os dos Yanomami, depois de se transformarem em cobras, depois da metamorfose, os dentes saíram. No início, não havia cobra, aquelas que picam não andavam no chão, não havia cobra-surra, nem coral, nem cobra *maraxa*, nem cobra *huwēmoxi*. Não havia nenhuma dessas cobras. Lá, onde os bonitos estavam se transformando em cobras, houve um barulho tão grande como o de um bando de queixadas, pois as cobras estavam surgindo. As jararacas, as surucucus, as cobras-papagaios e as cobras *waro* também surgiram. Invadiram toda a floresta. Assim foi.

Aqueles que haviam convidado as Cobras, os Jalouaca, por causa dos quais aconteceu a transformação, subiram também ao céu no lugar da transformação. Os bonitos estavam suspensos. *Torurururu!* E trovejou. — *Prohu!* — Chegaram lá. Não estão aqui, nessa terra, pois andam lá. Queriam viver saudáveis, então estão lá, saudáveis. Não ficam em baixo. Ficaram em cima.

Quando as Cobras subiram, o que aconteceu com os amigos delas, os Jalouacas? Transformaram-se também em cobra.

Então, os líderes do primeiro grupo, que se transformaram também em cobras, ficaram na terra.

Të pë rë oruprarionowei

ORU pë kâi hunomi, oru Yanomami kurenaha pë kâi përioma, pë kâi kuoma. Ihi, kihami, Përipo ÿyë rë itorati hami, urihi hami, kiha pë xi wãrihotayoma. Iha pë oru rë ke-rayonowei, të pë si wëyëihe, oru pëni. Heaka hami, pë xi rii wãrihipraritayoma. Pë praiiai mi ha hurini, pë xi rë wãrihonowei, hei wama pariki mii. Oru pë hunomi, hetu pë hunomi, wãikoya pë kâi kuonomi, yahetipa pë kâi kuonomi, yuri pë kâi kuonomi, Yanomami wama të pë yâhi ki wai.

Urihi ha pë ha nakareheni, pë hui ha kuikutuni, Watapera-riwë, Heturiwë pata xo Oruri pë kâi hupii ha kuikutuni, urihi ha pë xi wãrihoma, pë praii kateheonomi.

Pei të pë horoimo pë ha, të pë ma rë yãmouwei, pei të pë pata yãprutaai yaitaama, Oruri pë ha oraora ya të wãha takema, koro-koro pë wãha kuami, pë xi rë wãrihonowei. Ihi Oruri pë rë kui, kama pë urihipi ha, Yanomami kurenaha kamiyë pëma ki rë kurenaha pë përioma, pë xi wãrihiprarioma. Pë xi wãrihopë makui, pë praii mi ayoma, pë ha xoreheni, Yanomami pë përio parioma.

Ihi exi e të përiami kupioma? Pata, pë oxe. Oruri pë kâi rë përipionowei. Ihi pë kâi praipii mi kâi rë hurayonowei, Watawatariwëni pë kâi përioma, Oruri, Heturiwë xo. Heturiwë pata e wãha yai, pëixoki hami ke e. Pata inaha e ki kupia hei, pë xïro. Wãikoyariwë pei a haa xomarayoma. Inaha pë kua. Ai, ai, ai pë kuoma. Wãikoyariwë e kâi kua, kama pë rë onimonowei, kamiyë pëma ki onimopë. Wãikoyariwë, Hetu, Watawatariwë oxe e wãha, suhe u haikatimi.

Parawari pëni pë kâi hiraomahe, Parawari pë xo pë hiraoma, ÿhi pëni pë rurure hërimahe yaro, Oruri pë xi wãrihamapehe, katehe kama pë xïro hirao yaritaoma.

Wāyapoto a pariki ha pē hiraoma, ihi Wāyapoto a pariki ha pē pēria xaaa. Ihi e wāha kua xoahe. Yari ha, ihi ki tēhē pē pērioma, a urihi pomahe, kama pē urihipi wāha. Pata pē rē pērianowei, tē wāha urihi yai. Oruri pēni u rē koanowehei, Wāyapo u koamahe. Ihi u yaruamahe. Wāyapo katehe u yaruamahe. Pē rē yārimonowei, u rē koanowehei.

Kamiyē pēma ki praipē, ihi tē rē hiranowehei, ihi pēni tē praii hirapehe, pē hurayoma makui, pē yaitaai tikooma. Pē xi wārihou tikoopē makui, pē hurayo hērima. Pē praii mi ayo hērima. Kama pē oruriprou xarayoma. Pē oruriprarioma. Ihi ai tē pē iha pē praii mi hunomi.

Weti pē iha pē praipē pē hurayoma? Ihi pē xi rē wārihonowei yari ha, xapono pata a praa xaaa, yariyari tē ha.

Oruri pē rē xoanowehei, pē pata rē hiraonowei ihi weti naha pē wāha kuoma? Ihi pei pē xi yai rē wārihonowei, sipo ha pē yāmou makure, pē no rē Oruri preaanowei, pē rē oruriprariowei. Pē rē yaitaanowei. Tē ki ā si pata ma hipikitapiyei, pē kuratapi u hariihe ha, tē ki ā si pata ma potehetapiyei makui:

— Weti naha pē pata kuaai tikoa kupiyei?

Pē nohi kuaama. Ixarowēteri pē iha, pē xaponopi ha pē xi wārihoma. Ixaropiwēteri pē pērioma. Pē xi wārihoma. Pata pē rē kui, inaha pē wāha kupramoma, Ixarowēteri. Ihi pēriami a rē kui inaha rē a wāha kuoma. Hekura pē pērioma, hekura pē wāha. Yanomami rē pē kuoma. Yanomami kurenaha pē pērioma.

Hei kurenaha pē pērioma makui, pē poreriprou kōonomi. Ixarowēteri ihi oruri pē xi rē wārihamanowehei pē wāha. Ihi pē xaponopi sipo ha, pē ha yāmorini:

— Inaha pē kuaai hēopē tao!

Pē puhi ha kuni, pē tiprutaama. Oxeyē kihi ixi kurenaha, wakē poko ki hīia rē kurenaha, hei ora ixi hīia rē kurenaha, hei koro ixi rē kurenaha, pē yāmou kuaama. Maraxari pē kuaama, huwē moxi pē kuaama, hei kurenaha pē wakē rukēkoma, yamixano.

Katehe tē rē huxutamarenowei pei pē yāmou hēoma. Ihi kama Wataperari kama u ha, pē yārimou hēkema, u wai au, tē u

xīi wai praapraamopē ha, pē hēkema. Heinaha u xīi kuoma. Ihi Ixarowēteri pē xaponopi ahete ha, e u kuoma, e u pētariomahe.

Hei kamiyē pēma ki rē titipiyēi hiramorewē nahi ha, kihi Oruri pē yāmou, īnaha pē hirao kuoma.

Pē yāmoma, katehe kipi yai rē kui, pē pētarioma, īnaha pē pētou kurayoma, hei, suwē mahu a, hei Parawari katehe kipi. Inaha kama pē xīro kuoma. Katehe pē yai rē kui. Ihi pē rē huxutore, pē mia kāi no rē preaare, pē mi tikētikēpraroma e pētariomahe. Ihi hapa ya wāha rē yuprarihe e pariomahe. Noha hami Wāikoyariwē e kuoma. Hititi, pata e nohapi aimama, pē oni pata rē prei.

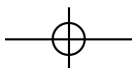
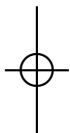
— *Hīi! Wīsa! Wīsa!* Pē husi he ā pē mamo xatipraamapehe.

— Hei, īnaha ipa ya tē taawaikike kuhe! — pē kui topraroma.

Yanomami kurenaha pē naki kuonomi makui, pē ha oruripraruni, īha pē xi ha wārihipraruni, pē naki hararioma. Hapa oru a kāi hunomi, wa si rē wēaiwehei tē kāi praonomi, Wāyapotorema pē kāi kuonomi, miomaakahe pē kāi kuonomi, maraxa pē kāi kuonomi, huwē moxi pē kāi kuonomi, kuonomi. Iha pē xi rē wārihore, īhi pē xi rē wārihorati ha, katehe pē xi wārihopē ha, hawē warē ki pata hōra kuprarioma. Oru pē kuprou yaro. Karihirima, pēreima, arawaomi, waro pē kāi pata kurarioma. Iha pē rē kuaare īha hei a urihi rē kui, a haikiremahe. Inaha pē kuprarioma.

Pē xi rē wārihamarahei, īharē, kama pē xi rē wārihiprore ha, pē heakaprario hērīma. Heaka hami kama pē kurayoma. Kama katehe pē rē kui, pē pehi sutihprou yaro *Torururururu!* Yāru e kurayomahe. *Prohu!* Kihami pē kuketayoma. Hēyēmi pita ha pē kuami. Kihami pē hui. Katehe pē yai pērio puhiope yaro, katehe pē kua kurati. Pē pepiami. Pē heakaketayoma.

Inaha pē ha kupraruni, īhi īnaha pē ha kupraruni, weti naha norimi e pē rii kuaama? Inaha e pē riikuprou mi heturayomahe.



A Onça e a Centopeia

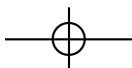
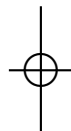
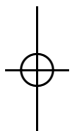
N ESSA época as onças não comiam gente, não andavam, não existiam. Não havia onça na floresta. Daí essa história. Não andava onça por aí para nos matar e nos comer. *Hu, Hu! Hu!* A onça não dizia isso.

Quem encontrou a primeira onça? Sozinha, ela sofria de fome, sequinha, sua barriga gritava de fome, pois ela não tinha dente. Onça tinha apenas gengivas, ela não mastigava, ela andava magra no meio dessa região do Xererei, ela andava sozinha, andarilha, faminta. Como ela não comia quase nada, ela chorava. Ela chorava por fome de carne.

Quem a encontrou? Onça chegou onde estava Centopeia, onde morava sozinha como gente; Onça chegou à casa de Centopeia. Ela apareceu, elas se encontraram, ela ia de encontro. Com fome, andava como se fosse cego, sem olhos, sofria mesmo, fazia muito barulho, tropeçava de fome.

É uma centopeia! Vocês conhecem esse nome? Era gente, aquela que anda sem fazer barulho. *Krihi!* Ninguém mais faz esse barulho, andando em cima de um pau. Foi ela quem ensinou primeiro.

Ela emprestou seus pés para Onça não fazer mais barulho; ela o ensinou a andar discretamente. Depois do ensinamento de Centopeia, Onça andou, ela foi lá, chegou à terra plana e desceu.



†ra xo, wapororitawë xo ki he haapi†

Ihi tëhë, kamiyë ira pëni pëma ki wai maopehe, ìhi a kâi hunomi. Ira a hunomi, a kuonomi. Të urihi no irapionomi. Te he tikëa. Kamiyë pëma ki ha xëprarinì, pëma ki rë waiwei, ira a hunomi. *Hu, hu, hu!* Ira a kâi kunomi.

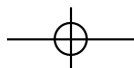
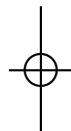
A hapa he rë harenowei, wetini a he harema? Yami ohi pëni a resi no preaama. Xi ki pë kōririwë no preaama. Naki kuami yaro, Ira. Tukutuku të naki pehito kua yaro, të pë kâi waxikanomi, maromaro ìhi rë të urihi ha, ìhi Xererei a urihi mi amo ha, ira yami a huma. Ohiri hurewë. Ai të wai waimi yaro, ërëkëwë, a ìkima. Ira a naikiri ìkima.

Wetini a he harema? Wapororitawë a kuopë ha, ira a warokema, Yanomami ai a rii përiopë ha, yami, Wapororitawë iha†rariwë e warokema. A pëtarioma, a mi pamarema. A ohiri rë katitore hami. Ihi hawë hupëpi, hawë mamō ki maa hapa a hōra no preaaì kuaama, a kraikraipraotima, a rë yutuhouwei ohiri.

Waporomi kë ki! Ihi wama të pë wâha yuai? Kutaeni ìhi Yanomami a kuoma, Yanomami të pë mamiki hōra wai hīrio ma rë mai! Krihi! Të kâi kuimi, a imi makure kiha. Ihini a hiraa parikema. A hui hirakema.

E mamiki mahikema, ira a kramou maopë.

Ihi a ha hirakini, a ha ukuuuuhaparuni, a ha yariiiiihi taparuni, timi paruni.



A Onça e o Tatu

É um tatu! Dizemos assim. Tatu estava andando. Yanomami, Tatu, tatu. Hoje, a onça mata e come tatu. Hoje, os dentes do tatu ficam na boca da onça. A onça tem dentes de tatu.

Àquela época, os dentes de Tatu saíam da boca, apesar de ele ter boca pequena. Ele comia coisas grandes. Onça vai tomar emprestados os dentes de Tatu, por isso, ele hoje tem dentes pequenos. Primeiro, Tatu emprestou os dentes a Onça e colocou seus dentes na boca de Onça, seus próprios dentes.

A onça nos comerá. Ela não vai me comer!? Não tenham dúvidas!

Onça e Tatu se encontraram, ela ia como gente. *Tēi! Tēi! Tēi! Krai! Krai! Xiri! Hīkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae!* Os dois faziam o mesmo barulho. Tatu ficou parado, ela vinha em sua direção. Quando ela o viu, se aproximou. Tatu olhou para os dentes de Onça. Os dentes de Tatu saíam da boca. *Hīia!* Originalmente, Tatu tinha os dentes que a onça possui hoje.

— Irmão menor! Irmão menor! Com esses dentes, você come sem problema!— disse Onça.

— Como são seus dentes? Você não tem dentes como os meus?

— Não tenho! Por isso eu não mastigo quase nada. Eu soffro!

— Cadê? — Quando Tatu perguntou, Onça abriu a boca.

— *Hīi!* Como você vai comer? Quer experimentar os meus? Arranque os seus!

Os dois conversavam. Os dentes finos de Onça pareciam frouxos e finos como agulhas na boca de Tatu.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! Pronto!

Os últimos dentes do fundo ficaram grudados, Onça deu os dentes para Tatu. Os dentes de Tatu se tornaram pequenos.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! — disse Tatu.

Os dentes do fundo.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou!

Para colocar os dentes, Onça abriu grande a boca.

— *Kriti! Kriti!* — Agora você não passará mais fome. Agora pode logo comer coisas grandes! Você matará animais, você matará anta! — Tatu disse.

Por isso, Onça ficou feliz. Ela o abraçou.

— Você mastigará ossos e engolirá ossos mastigados. — Tatu disse a Onça.

Imediatamente, Tatu passou a comer somente minhocas; para comer minhocas, ele cavava a terra. Ele comerá com esses dentes, eles comem assim.

Será que vai conseguir quebrar os ossos pequenos? Normalmente, não se quebram coisas grandes, mas Onça conseguirá quebrar coisas grandes. Foi assim.

tra xo, opo xo ki he haapii

OPO KĒ A! Pëma ki kui. Oporiwë a huma. Yanomami, Oporiwë, opo.

Kamani a ha xëprani, a wapë makui, ïhi opo, ïhi naki ira iha naki kua.

Ïhi hei opo e naki pata rei pramoma, kahiki ihirupi makui. A ihirupio tëhë, pata të pë wama. Ïhi oponi ira naki rë kui opo ïha e naki mahikema. Naki ma rë oxei. Ïhi ira naki mahipou, oponiira naki tikema, kama naki.

Kamiyë pëma ki wapë, irani. Ware a waimi! Pë puhi kuu mai!

A mi hetua piyërema, opo. Yanomami kurenaha e huimama. *Tëi! Tëi! Tëi! Krai! Krai! Xiri! Hïkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae!* Ira e kua mi heturayoma. Ïhi Oporiwë e rë kui, e yanikitarioma, a katitoimai ha, a ha tararini, e u kua katitikema. Ïra naki mima. Opo e naki pata reipramoma. *Hïa!* Opo naki hami, ira naki. Irani naki rë tapore.

— Oxei! Oxei! Mihi kahë wa naki rë kuini, wa iai ha ayaowei — ira e kuma.

— Weti naha kë wa naki kuwë? Hei ya naki rë kupenaha wa naki mata kupowë!

— Kuami! Kuwë yaro, ya të pë wai wāxikiprai ha maoni, ya no preaai!

— Weti hami kë? — a kui ha, ira kahiki pata reretarioma.

— *Hïi!* wa të iai ayao ta yaitakë! — e ha kuni — Pei! Ipa wa të ki wapai puhio? Mihi ëhë tëki ta ukërari!

Ki noã tapiyoma. Hawë proreprore ïhi ira kama naki wai rë ihirupi të ki wai rë kui, hawë unamo të pë wai rë xororoi:

— Ukë! Ukë! Ukë! A ïnahrë!

Hei manakoro ha të ki wai xatipio tahiopë, ïhi ira e naki hipëkema, opo iha naki oxeparioma. Kamani:

— Ukē! Ukē! Ukē! Ukē!

Manakoro tē ki pata.

— Ukē! Ukē! Ukē!

Kamani naki rē tiaivei, ira e kahiki pata reretaoma.

— *Kriti!, Kriti!* Pei kuikē wa ohii mai kē tē! Ihi hei kuikē rē wa pata iai xoa. Yaro wa kâi xēprapē, xama wa xēprapē — a noã tama.

Kuwē yaro e puhi topraroma. A hēkato hāore hērima.

— Wa tē ũ pē wai ha waxikani, wa tē pē wai waxikano suhapē — e kuma.

Kama oponi horema e xi pē xīro wai xoaoma, kama opo a rē kui, horema xi pē wai ha, a titētītēmou xoakema. Ihi nakini a iapē, pē ma rē iaiwei.

Ihi ihirupi rē tē ũ wahatoapē? Hīi! Inaha kuwē tē pē pata wahatomamou ma mai, tē ũ pata wahatoprai he yatiopē. Inaha a tama.

A multiplicação das onças

Em seguida, segue a história daquele que fez as onças se multiplicarem. Ele foi à direção certa. Existe nos buracos de pau. Onde havia buraco de pau, outro tipo de onça existia, a onça *irahena*.

Não foi obra de ninguém! Eles tinham um *xapono* como este. Era o mesmo nome daquele que a tirou do buraco. Aquele que tirou a onça *irahena*, onça parecida com jia, depois de tirá-la, ele se alegrou com a pele pintada; depois de ele arrancar as folhas, as onças habitaram toda a floresta.

Ele chegou ao *xapono*. Haviam queimado. Nesse lugar, a roça estava próxima. Ele plantou as jias no lugar queimado. Ele plantou. Apesar de ser jia, ela não apodreceu, pois era onça. Onde ele plantou um pouquinho, ao final do dia, quando a floresta escureceu, da mesma forma que os capins têm flores, essa flor de onça também desabrochou.

A onça grande começou a surgir. Onde caíram as sementes, as onças se levantaram. Os Kaxanawëteri moravam no centro dessa região. São aqueles que plantaram a onça *irahena*.

Surgiram as onças-suçuaranas, as onças-suçuaranas-vermelhas, as grandes onças e as onças-pretas. As onças exterminaram os habitantes do *xapono* onde haviam plantado as onças, e cujo nome eu dei. Ninguém sobreviveu.

Elas são famintas de carne, e não foi só uma que andou. Logo comeram os habitantes. Esses antepassados não tiveram descendentes, pois nenhum conseguiu fugir. Nenhum sobreviveu. Exterminaram todos. Nenhum. Não foi uma onça só. Em um dia, exterminaram todos. Comeram também aquele que tirou a onça. Ele morreu também.

Depois de exterminar todos, a onça continuou a surgir na terra dos *napë*, apesar de essa terra se estender bem ao sul. Não foi obra de ninguém. As onças apareceram onde foi plantada a onça. Apesar de ser jia, a jia não apodreceu. Lá, a onça ficava dentro, a onça *irahena*.

O que segue é a história das onças que comeram muita gente.

Eles moravam perto da serra Yamaro e se chamavam Yamarowëteri. Chamaram o *xapono* deles Yamaro. Apesar de eles não terem plantado urucuzeiros, havia muitos no meio, por isso se chamavam assim. É outro nome para urucuzeiro. As onças os comiam também nas regiões vizinhas.

Os vizinhos um pouco mais distantes eram os Sementes-de-Urucu. Eles bebiam a água do rio Ximono. A voz deles era fina.

Após o *xapono* deles, havia outro grupo. Eram os vizinhos. Todos tinham os cabelos vermelhos. Os cabelos deles era de um vermelho bem forte. Os vizinhos deles eram os Iranawëteri. Chamaram o rio, do qual bebiam a água, Irana; por isso se chamavam Iranawëteri. Assim faziam nossos ancestrais.

tra pë rë pararoyonowei

I HARANI, hei tē rē kui hami, ira pë rē pararoyonowei, a përioma. Ihi te he tikēa. Pë përioma. Ihi ya pë wāha tokumarema. Hei pë përioma. Hei pë rē kuini, a katitirayo hërima. Hii hi pëka ha tē pë ka ma rē kuprai. Inaha te hi ka kuopë ha, ira hena titioma.

Taprano mai tē ā. Hei kurenaha pë xapono kuoma. Pei a wāha yai. Pei hena yai rē ukërenowei. A wāha yaia. Ihi a wāha kohomowë. Hena pa xërema. Hena ha ukërëni, moka kurenaha, tē wai ha ukërëni, oni sipo wai oni, e ā topraroma. Tē ha ukërëni, ira pëni urihi a haikiprapehe.

A kōpema. Kihī naha īxino praa. Hikari a ahetea yaro. Īxino tē ha, hei moka a keai kure. A kekema. Moka a kuoma makui, a kâi tarenomi, ira a yaro. Tē wai ha kekini, īhi mahu tē rē keare ha, motoka maprou tēhë, tē urihi mi titihiprou tēhë, hei porema hi pë rē kurenaha, porema hi pë hemoxi rē kurenaha, ira e hemoxi kuaama.

Poroporo pë pata kupro hëripë. Ihi hei tē pë hemoxi pata rē prerëre hami, ira pë pata hokëko hërima. Kama pë yahipi rē mi amoonowei īhi pë wāha Kaxanawëteri kuoma. Ihi pë yaini ira hena kekemahe.

Ira ketihenarimi, wakëwërimi, poroporokohe pë, hūkumari si pë, tē pë pata kuprarioma. Ihi ei ya pë yahipi wāha rē yurarihe, īha a rē keare ha, irani pë haikirarema. Ai pë hëpranomi.

Pë naiki yaro, mori mahu tē rē hure ha. Ihi teri pë waa xoaremahe. Iha ai tē no hekama rē hëprouwei, patama tē pë kâi tokunomi. Tē pë hëpranomi. Pë haikiaremahe. Mori mahu tē rē hare. Ihi mahu tē mi haru ha tē pë haikia xoaremahe. Kamani a rē ukërenowei, a kâi warema. No payeri taprarema.

Ihi të pë ha haikiraheni, ihi tëhë, hena rë kekihe tëhë, ira pëni napë a urihi makui, napëpë urihipi hami koro hami makui, ira a kuprario hërima. Taprano pë mai! Keano pë hami ira pë kuprarioma. Moka a makui, moka a kâi wârimonomi. Ihi ira a titioma. Ira hena.

Omawë pë kuprarioma, yai të pë. Omawë pë wâha kekema. Omawë yai hena paxërema. Inaha të pë kuaama. Ya të pë rë hîrinowei, ya të ã tai. Ya toa hërima. Ihi të waikiwë. Hiriano, wëyëno, pata të pëni wamare ki noã tamahe. Ya prao tëhë, ya ha praoni, ya të hîrima. Inaha të kuwë.

Ihi te he tikë hami, pë pruka wai he rë tikëkonowei, ihi të kâi tikëa.

Ira henani pë pruka rë wanowei, pë wâha. Yamaro ki ha të pë rë përiowei, kama pë wâha Yamarowëteri kuoma. Xapono e rë kuonowehei Yamaro awâha yupomahe. Nara pruka xi hi pë keanomi makui, ihi të xihi pë pata mi amo ha pë kua yaro, pë wâha kuoma. Nara xi hi pë wâha Yamaro kua. Ihi pë pruka wama. Iha pë wai he tikëkoma.

Ihi te he isitoripi tikëre ha, pë pruka yahipi he rë tikëkëmonowei, Ximonowëteri pë hiraoma. Ximonowëteri pë rë hirao-
nowei, kama Ximono u koamahe. Pë kahi ã kâi preonomi.

Ximonowëteri pë yahipi he tikëo ha, ai a yahi përioma. Inaha të pë henaki wakë kôre kumou xîrooma. Hei pëma ki henaki rë kurenaha, pë henaki kuoma? Pë henaki wakë kôremoma. Ihi ei Ximonowëteri pë yahipi he tikë ha, kama Iranawëteri pë yahipi he tikëoma, Iranawëteri. Kutaeni kama pëni u rë koanowehei, Irana u wâha yuamahe. Inaha no patama të pë kuaama.

Minhocão

A HISTÓRIA das minhocas. Quando a floresta existia, mesmo que a terra existia:

— Vou cavar minhocas! — ninguém dizia isso.

Não existia minhoca e, como as minhocas não saíam, ninguém saía, ninguém pescava depois de tirar minhocas. Era assim. Nós não as deixaremos cair na água, quando estamos com fome, nós cavamos onde há minhocas, nós as tiramos, muitas surgirão; para que nós fizéssemos assim, ele morou com a menina. Lá onde surgiu aquela mulher, a filha de Pokoraritawë ensinará as Yanomami a não gostar do marido; às vezes elas não gostam dos maridos. Ensinando-nos, a filha de Pokoraritawë se zangava demais, pois estava com medo, não queria seu marido. Apesar de ele ser muito bonito, a mulher não o queria, a filha de Pokoraritawë fez as minhocas surgirem. A mulher chegou lá com os dois Minhocões, que comiam o esperma deles mesmos. Aquele que ela desposou, apesar de ser bonito, foi embora caçar, até que afinal a mãe falou com a filha:

— Filhinha querida, teu marido foi de novo! Vai atrás dele! Vai! — ela disse.

Ela foi bem devagarzinho atrás dele.

Ele foi, soprou veneno em cuxiús, matou; ele era muito bom caçador, Paricá. Ela não gostava dele, de Paricá, era o nome do genro de Pokoraritawë. Minhocão fez os filhotes se multiplicarem com a esposa de Paricá. Quando seu marido passou, os dois chegaram aonde Paricá estava. Ele estava longe, adiante, quando a mulher passou perto dos dois Minhocões, o mais velho e o mais novo.

Os dois moravam na terra plana e viviam na condição de Yanomami, pois não existiam minhocas à época. Os pais das minhocas moravam lá, no início. Eles farão os filhos se multiplicarem. Passando nesse caminho, lá em baixo, bem longe, Paricá matava cuxiús. As frutas de Minhocão estavam grudadas. Naquele caminho, as frutas eram numerosas, para atrair a mulher. Toso, toso, toso, toso! Faziam os restos. *Hôti, hôti, hôti!* Faziam assim também.

Os dois eram muito bonitos, os pais das minhocas: tinham a testa enfeitada de rabo de cuxiú, guardando a testa, o rosto dos dois era enfeitado e bonito. Assim era o rosto dos dois. Os dois Minhocões tinham barba bonita, para parecer o rosto de Paricá e enganar a mulher. Ela olhou:

— *Krai! Rae!* — disseram assim.

Os dois eram esbranquiçados:

— *Hîi!* Olhe! Olhe! É você? — disse a mulher bem bonita, com seios bonitos.

— Ô! De quem é essa voz?

Como tinha uma clareira, a mulher ficou em pé no limpo.

— Não pergunte quem sou! Sou eu! Você! É você mesmo! — disse a mulher.

— Não, não sou aquele que você pensa, eu sou outro!

— É você, é seu rosto mesmo, assim que é o seu rosto!

Ele pronunciou seu nome:

— Eu sou mesmo o Minhocão!

— Não, você não é outro, é você!

Enquanto ela insistiu em dizer isso, os dois Minhocões logo contaram a ela quem eram.

Um deles olhou e disse:

— Se você diz assim, tire essa folha nova de arumã, aí, aquela folha enrolada, você a arranca e a desenrola, e você senta em cima, sente-se em cima. Coloca sua bunda em cima — disseram os dois, de um jeito cantado.

Rindo, ela correu para arrancar a folha. Pensando que era Paricá, pois tinha o mesmo rosto, quando ele disse isso, ela arrancou a folha. Depois de arrancá-la e desenrolá-la em um lugar

bonito da clareira, onde não havia nada, ela se sentou em cima, onde estava limpo. Os dois desceram, os dois desceram rapidamente e copularam com ela uma vez, não várias vezes, somente uma vez. Apesar de copular com ela somente uma vez cada um, os dois copulavam enquanto o marido estava matando todos os cuxiús, pois era muito bom caçador, acumulando as presas.

Ela não o alcançou, andava devagar.

Depois de ter copulado, não foi nos dias seguintes, mas no mesmo dia, apareceu a barriga que, apesar de uma vez só, já estava crescendo.

— Vai! Vai logo! — disseram os dois Minhocões, que voltaram para a morada deles.

O ventre daquela que estava andando sozinha crescia e crescia.

— Vai lá, onde teu marido está matando os cuxiús, ouça os gritos! — disse o Minhocão.

— *Hõhaaa!* — ela ficou pensando.

Depois de falar isso, ela foi bem devagar à direção onde estava seu marido. Indo lá, o ventre sempre crescia, porque não havia só um filho. Apesar de serem pequenos, eles estavam acabando com a carne dela. Ela ficou em pé, enquanto Paricá estava amarrando os cuxiús, ela ficou em pé lá longe.

Ele estava voltando. Ele havia matado todos os cuxiús e estava voltando, depois de carregá-los, ele estava voltando. Quando voltava, ele viu o ventre dela enorme de gravidez.

— Nunca mexi nessa mulher, e tem filho nesse ventre! — ele pensou.

Ele simplesmente pensou. Ele nunca tinha copulado com ela, pois ela não gostava dele. Ele passou, voltando. Ela voltou sozinha. Ela estava voltando rindo. Ela estava voltando atrás, sua barriga cresceu rapidamente. Ela voltava com esse ventre enorme.

Depois de um dia, o ventre dela estava gigantesco. Ele olhou atrás e viu a mulher com a barriga enorme.

— *Hõãaa!* É barriga com criança — ele pensou, e continuou andando.

— *Hĩĩĩ!* Será que eu já a sujei?

Xiri! Anoiteceu muito rápido. A noite caiu depressa. O ventre estava cheio. Olha só o suporte dos bichos. Não havia só um! O ventre estava se mexendo.

— *Õa, ãa, ãa, ãa!* — diziam, lá dentro.

A mulher sofria, sofria passando mal, sofria por causa do que acontecia dentro dela. Doía muito o ventre dela. O marido dela estava deitado na sua rede, sem olhar para ela, enquanto o ventre dela doía, pois doía muito, acariciando sua barba e, enquanto a noite logo ficou densa e grossa, as minhocas saíram.

Weo! Weo! A placenta se derramava como se fosse água, e saíam filhotes de Minhocão:

— *Ũa! Ũa! Ũa!* — já faziam assim.

Como parecia voz de criança, ele olhou para as crianças no chão, apesar de estar deitado na rede, ele olhou. Não havia criança. Ele olhou de soslaio. Não dava para ver. Embaixo dele:

— *Ũa, ãa, ãa, ãa!* — faziam sem parar.

Eles nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam.

Hiii! Havia tantos montes de minhoca que o fundo da casa sumiu, a vagina dela estava cheia de minhocas. Depois do trabalho de parto, ela olhou; ela fez assim. Eles choravam como crianças, chorando de sede já, eles demonstravam sede:

— *Sede! Sede!* — diziam, com uma voz de criança. — *Estou com sede!* — diziam rapidamente.

— *A criança cresceu tão rápido!* — ela pensou assim.

Como estavam sempre com sede, ela deu o seio.

— *Tusu! Suku! Tusu! Suku!* — faziam assim enquanto mamavam. Ela fez assim. Como as minhocas faziam isso, ele ficou esperto. Ele entendeu:

— *Hii!* — ele pensou.

A mãe dela chegou correndo. Apesar de olhar, ela não as viu imediatamente. Apesar de escutar o choro de criança, ela olhou e voltou a deitar.

Deitada, a mãe das minhocas as cobriu, cobriu, cobriu, cobriu, cobriu. Amanheceu. Como a filha estava indo de manhã cedo, ela falou para sua mãe, enquanto o marido estava ali pensativo.

— Mãe! Não descubra o que eu cobri no fundo da casa. Não fique olhando o fundo da minha casa!

Havia tantas minhocas! Elas se embolavam, zoando, porque estava cheio.

— Não olhe o fundo da minha casa. Não descubra o que eu cobri! — ela disse, e saiu.

Xiriririri! E sumiu. Enquanto isso, a mãe levantou da rede.

— Por quê? Onde está essa criança, que deveria estar no colo, recém-nascida? Vai chorar muito, assim! — ela pensou, e correu até a casa.

Ela foi logo. Ela correu e descobriu o que estava onde a filha morava, aquelas minhocas, todas mexiam a cabeça ao mesmo tempo.

— *Xiriririri!* Sede! Sede! Sede! Avó! Sede! — eles a chamavam de avó. — Avó! Sede! Avó! Sede! Avó! Sede! — todos diziam.

— *Hãaaaaã!* — ela gritou logo. — *Hãaaaaã!* Só você para fazer surgir aquilo! Por isso! Você não trata bem seu marido! É por causa desses bichos estranhos que você não conseguiu dormir! — ela disse. — Vai! Meu genro! Enquanto eles se mexem assim, derruba logo essa lenha, faz um fogo grande para ela! — disse a mãe.

Ela mandou queimar a filha viva! Depois de ela dizer isso, ele desceu da rede. Ele não demorou: derrubou aquele carapanã-uba.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! Fazia lenha para cremá-la. Enquanto fazia lenha, ela voltou. Ela tinha ido tomar banho sem perceber, ela passou onde ele estava partindo a lenha. Ele virou as costas, onde ele estava fazendo lenha. Ele nem olhou. Ela se deitou, encolhida.

Pou! Pou! Pou! Ele amontoou muita lenha. *Pou! Pou! Pou!* Ele pegou brasas para acender o montão de lenha, ele fez aumentar o fogo. Como a lenha era seca, o fogo pegou logo.

Weee! Ele fez uma cerca, fez para ela. Depois, ele correu atrás dela. Ela nem se levantou, ele gritou para pegá-la, pois queria a cremar viva.

Weeeee! Ela estava deitada bem reta. Ela nem reagiu, ele correu a carregando em direção do fogo, e ela chorava:

— *Ēäē! Ēäē!* Mãe! Pai!

As pernas dela estavam balançando, dando impulso. Ele a jogou no meio do fogo.

Pou! Ele pegou outra lenha que estava no chão e amassou, amassou com força.

Ēēäaaaēē! Proto! O fogo queimou, enquanto cremava, a sogra dele correu em cima dos minhocões para queimar os feios. Ela correu para pegá-los. Ela já tinha colocado água em cima do fogo em uma panela de barro para cozinhá-los. Ela correu com uma vasilha de água quente em direção das minhocas cobertas. Ela jogou a palha de coruá que as cobria:

Weeeo! Os minhocões gritavam:

— *Ōiii, ōiii, ōiii!*

— Avó! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido! — diziam atordoados, chamando-se de pele encolhida.

— Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido! — diziam os pedaços, arrebrandos.

Olha só os montões de pedaços! Os pedaços estavam correndo logo, e ocuparam toda a floresta, os minhocões. Ficaram ocupando a floresta, os arrebrandos, correndo logo pra todas as beiras de rio, entraram depressa no fundo da terra.

Depois de acontecer isso: — São minhocões! — dizemos. Foi assim que aconteceu. Não existiam minhocas. Foi com ela que se multiplicaram. Nós as faremos cair na água para nós comermos peixes. A minhoca não apareceu do nada.

Foi depois de os dois Minhocões copularem com ela e multiplicarem seus filhotes, que foram embora com os pais. Os filhotes não moraram onde foram cremados, nem ficaram ali perto. Os dois foram logo. Assim foi. Desde que aconteceu, quando cai a chuva:

— *Tēi, tēi, tēi, tēi tēi!* — dizem seus pais, de onde estão.

Assim foi a história.

Horemariwë

A i të ã. Horema të ã. Horema pë rë kui, urihi a kuo tëhë, heinaha xomi (pita) a kuprou tëhë, a kuo tëhë:

— Kiha horema ya ki tiëai! — ai të pë kunomi.

Horema xi pë kã kuonomi, horema ki ha harini, ai të hu-nomi, ai të ki wai ha tiëreheni, yuri a kã rëkai taonomihe, ñnaha të kuoma. Ihi pëma të pë keamapë, kamiye pëma ki ohii tëhë, të pë kuopë ha, pëma të pë ha tiëni, pëma të pë pata ukapë, të pë pata kupropë. Tëëpi kã përikema. Ihi ihami a suwë rë pë-tore hami, Pokoraritawë tëëpi ihami Yanomami të pë ipio hirai ha, të pë ma rë ipiowei; ihi të hirai ha kamiye Yanomami pëma ki iha Pokoraritawë tëëpi huxuo he parohooma, a kirii yaro, a puhinomi, a riëhëwë totihiwë makui, suwëni a puhinomi, Pokoraritawë tëëpëni horema pë rarakema. Ihi Horemaritawë kama kipi iha a suwë ha waroikuni, kama mouki kete waoma. A rë ponowei, katehe a makui, a rë ponowei, e hurayo hërima, yakumi ihi ihami pë nii e ã hai heama:

— Xõe! Hëarohë a nohi hua kôrihe! A wai huto hërii! Huri hëri! — e kuma.

Opi e hua hërayo hërima. E ha hurini, wixa e ki horama, e ki niama, a nihiteo he parohoma, Yakuana a nihiteo he parohoma, ihi iha a ipioma, Yakuana iha, Pokoraritawë siohapi wãha, Yakuana hesiopi iha Horemaritawëni ihirupi pë rarakema. Hëaropi e ha hayuikuni, e kipi nosi ha wetitaruni, a ha kuuuuupohoruni, a suwë hayuo ahétou tëhë.

Horemari kipi, pata, oxe, kipi rë përipia yaritaawei ha, Yanomami kipi rë kuonowei, horema pë kuami yaro. Ihi hapa horema hiipi kipi përioma. Ihiru pë raraapë. Hei yo hayua, hei, e ha kuuuu katiiiiii tipokirini, Yakuanani wixa ki niama. Kama

mouki tē pē pata yētēpramoma. Hei yo ma rē kui, tē pē pata ximokorepramoma, suwē a rurupēapē. Toso, toso, toso, toso! Ki kanosi kupīma. *Hōti, hōti, hōti!* E kupīma.

Kipi riēhēo totihioma, horema pē hiipi rē kui, kipi moheki wēhuhuoma, hei wixa texina si pē rē kui, texina si yohopipoma. Kipi moheki wēhuhupiwē totihitaoma. Inaha rē e kipi moheki kupioma, kipi kawēiki kāi totihitapioma. Yakuana moheki kurenaha, suwē a miramapipē, a mamo xatitarioma:

— *Krai! Rae!* — tē kutario ha.

Kipi pruxixiwē:

— *Hī!* Mipraa! Mipraa! Mipraa! Ihi kahē rē wa? — e kui pētarioma, suwē. E kupii pētarioma, xēkēkewē, suhe puu wai totihitaoma, no xi aihawē.

— Ō! Weti wāwā ta tawē, weti pei wāwā ta tawē?

Heinaha tē ka yakēa kua yaro suwē a wawētowē uprataroma.

— Weti mai! Kamiyē kē ya!

— Kahē rē wa, kahē rē wa nohi kui!

— Ma, kamiyē ihi ya tama! Kamiyē yaiwa ya rii.

— Ihi rē wa, ihi wa moheki katitire! Inaha wa moheki kuwē!

— e kuma. A wārima.

A wāha yuprarioma:

— Kamiyē Horemari ya rii ta kui!

— Ma! Wa no yaipimi, ihi rē wa!

Inaha e kupii ka kuaai ha, e kipi ā hapii xoaoma.

E mamo xatitarioma.

— Inaha wa kuu kunoi, mihi umoromi henaki tuku rē tiririre, mihi hena rē hututure, wa hena kipi ha ukērēni, wa hena ha hapexeparini, ihi hena ha wa rokei, wa rokei kē tao! Wa koro pakohekei kē tao — e ki kahiā kupīma.

E ika wā kāi rērēa nokakema. Hawē ihi a kuwē ha, ihi Yakuana moheki kuopē naha, moheki kuo katitioma, a kui ha, e hena ki ukērema, e hena ki ha ukēpirēni, hena ki mi ha hapexeparini, heinaha tē totihitaopē ha, tē ka yakēopē ha, a koro pakohekema, tē tāihiopē ha. Kuaai tēhē, e ki itopirayoma, a napē itopia haitarayoma, e ki rē itopire, na wapima, mahu,

hei ai na wai, na wai, na wai tē kupronomi, mahu! Aini mahu na waararei, aini mahu na waararei, inaha mahu makui. Hei na rē wapii hēre, kiha hēaropini wixa ki haikiai kē tēhē, a nihiteo he ha parohooni, ki weyoyamatii kē tēhē.

Iha e waroo mai!

E opisi hui hēo hērima, hei na rē wapiararihe ha, ai tē henaha e makasi kái pētonomi, mahu makui, ihiru makasi tirehetou waikirayoma, hei a rē waikare ha.

— Pei! Wa hurayou kē tao! — Kama kipi pēriopē ha, ki kōpikema.

Hei a rē hui hēoimati hami, ihiru makasi patai waikio hērima.

— Hēarohēni kiha wixa ki hōra rē niayahi ha, ihi ei rē e ki rāawa, iha wa e waroyei — e kuma.

— Hōaaa! — e puhi kui hēoma.

Ha kuni, opisi e katitatarou hēo hērima. E rē katitore hami, ihiru a makasi tirehou waikio hērima. Mahu tē kuami yaro. Pei tē pē ma oxei makui, yāhi ki haikiama. E uprakema, wixa pē nanoka hāomai tēhē, e upraa hēwēpetayoma.

Kama a kōoimama, ki niaa waikirarema yaro, a kōoimama. Pē ha yehirēni, a kōoimama. Kōoimani, suwē a makasi kareroma. Makasi kario tirewē waikiwē:

— Kihi rē ya pē napē kuaai taoma mai, kihi ihiru rē makasi ē! — a puhi kutarioma.

Kama a puhi kui pēoma. Kamani na wanomi, e ipio yaro, a kōo e hayukema. Yami e kōo hēoimama. E ika wa teteo hēoimama. Ihi pei noha hami e kōo ha hēoimani, e makasi pataa hairayoma. Patai hēoimama.

Ihi mahu tē mi haru ha, makasi pata ihea hērima. A mi yapatou kōrayoma, suwē makasi pata kareroma.

— Hōaaa! Ihiru rē pesi! — a puhi kutario hērima

— Hii! Ya no kiriai tao ta yaitakē? — a ha kuni.

Xiri! Ihi tēhē e tē mi titihiprou haitarayoma. Rope tē mi titihiprarioma. Ihiru tē makasi pata ihewē. Hei tē pē pesi pata hei! Mahu kē pē kua yaro! Mahu! Tē pē pesi pata upraprapraroma.

— *Ōa, ōa, ōa, ōa!* — të pē pata kui huxomioma.

Suwē a no preaama, xi kirihiwē no preaama, huxomi xi kirihiwē no preaama. E të pē pesi pata niniprarioma. Hēaropi e kutaoma. Ihi e hesikaki rē rēprapohorohe, ihi të pē ā pata ma pērao tēhē, të makasi hōra niniai ha haitaikuni, kuaai ha, huxo huwētaoma, ihi tēhē të mi titi supraa hērii tēhē, heēteprou hērii tēhē, të pē pata keama.

Weo! Weo! Hawē mau u pata ripraama, ihi horemari pē ihirupi yono u pata.

— *Ūa! Ūa! Ūa!* — hapa e të pata kurayoma.

Ihiru a yai kui makure, ihiru e rīya praa ha mini, e hesikaki ma rēre të mīma, kuonomi. Mamo axēoma. Taproimi. Iha kama pepi hami:

— *Ūa! Ūa! Ūa!* — të pē pata kutima.

Tē pē pata keai, keai, keai, keai, keai, keai, keai.

Hīi! Pei kē të pē he pata poraraprawē xīka maprarioma, na ka no nihioma, a nohi kuaama. A ha kupraruni, të pē mīma. Ihi të pē pata ūaūapraroma:

— Amixi! — të pē pata kui haitaoma. Pē amixi himou ha — Amixi! Amixi! — të pē pata kuma.

— Ihiru a wā kāi, wai hōra pataa ropaharayou! — a kui no mihitaoma.

— *Tusu! Suku! Tusu! Suku!* — Pē amixi kōo ha, të pē pata tamama. Inaha të pē pata kui ha, a puhi moyawērayoma. No ihipirema.

— *Hīi!* — a puhi kutarioma.

Ihi tēhē pē nīi e kua yaro, pē nīi e rērēkema. Tē mīi makui, të pē pata taprai haionomi. Ihiru rē a wā makure. Tē miakema, a pēria kōkema.

E ha pēriikuni, të pē he pata yohoapotayoma. Yohoi, yohoi, yohoi, yohoi, të mi harurayoma. Harika totihiwē e hui yaro, pē nīi iha e ā hama. Ihi hesikaki kuprao xao tēhē:

— Nape! Hei pei ya xīka rē kui hami të pē he rē yohohore të pē he karoai heai mai! Ware xīka mīi heai mai! — e ku hērima.

Horema pē kua yaro! Tē pē mi pata puruwē yaro. Tē pē pata xiririmoma.

— Nape, ware xīka mīi mai! Hei tē pē he rē yohohore tē pē he karoai mai! — e kuma. E ku hērima. E harayo hērima.

Xiriririri! E mato hērii tēhē, e kui tēhē, pē nīi e waheprarioma.

— Exi tē ha, exi tē ha ihiru weti hami a rē yakapore? Tē mia hore ma pēramapou — e puhi ha kuni, e rērēkema.

A rē rērēore, kama a kuopē hami tē pē he pata rē yohoawei, tē pē he pata karoprarema, horema tē pē pata yai rē prei, īhi naxomi xīro, tē pē he pata kuakuaa nokararioma:

— *Xiriririri!* Amixi! Amixi! Amixi! Yape! Amixi! — pē nīi iha tē pē pata yesimoma — Yape! Amixi! Yape! Amixi! Yape! Amixi! — tē pē pata pruka kuma.

— *Hīāaaaaē!* — a raria xoarayoma — *Hīāaaaaē!* Inaha wa tē pē pata hore taamai ayao yaro wa tē ā hore no kirio ayao nosiē! Inaha kē wa tē pē pata xami hore taamatii ayao yaro, wa tē ā hore yahoomi ayao no kuhaē! — e kuma. — Pei! Xōe! Inaha pē taamayou tēhē mihi wahē āxo ha tuprakini, a wakē kata tapipa! — pē nīi e kuma.

Pē nīini a yaamai puhima. Temitemi! Kui tēhē e wahetarioma. A no teteheo mai! Hatoa a rē upraawei.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! tariki ta ma! Tariki tama. Tariki tai tēhē, e kōpema. Kihami a rē yarimou xomi arui, tariki poapē hami e hayukema. E yaipē rētakema, kama tariki makui ha, e mamō kāi xationomi. E tasiki yoretakema.

Pou! Pou! Pou! E tē pē heru pata taketayoma. Kai wakē ha. *Pou! Pou! Pou!* wakē pata ukēa ha piyērēni, wakē paramama. Tē pata haxitiwē yaro, e wakē kāi pata waa haitakema, arana ki tapema, a pehi tapema. A pehi ha poxokopani, a napē rērēa xoakema:

Weeeee! E kāi hokēpronomi, napē iramorayoma, a temi yaai yaro.

Weeeee! E katipraoma. *Weeeee!* E kāi hukēonomi, kai wakē pata hami e kāi rērēkei ha, e ēaēmorayoma:

— *Ēaē! Ēaē!* Napemi! Hapemi! — e kurayoma.

E matasiki yoayoamoma, e kaxëai ha. Ihi mi amo të wakë pata yai ha:

Pou! A xëyëkema. Ai äxo pata rë praawei äxo pata ha hurihirëni, a patëtëpema. A hikipema.

Ëëëaaaëëë! Proto! Kai wakëni, a ïxirayoma, a ïxii tëhë, pë yesi e yëkema. Wãriti të pë pata yaprapë. E të pë napë pata rërëa paxikema. Mau u pata tupoma, hapoka a ha, të pë hete pata rë tuaiwei. Kai hesi ha e u kãi pata rërëkema. Të pë he pata rë yohoawei ha. Masiko ki pata maiprarema.

Weeeeo! Të pë ä pata pëprarioma.

— *Öiii, öiii, öiiii!* — të pë pata kui pëprarioma.

— Yape si äyiki, yape si äyiki, yape si äyiki, yape si äyiki! — të pë pata porepi kuma. Kama pë si pata äyikiwë himou ha:

— Yape si äyiki! Yape si äyiki! Yape si äyiki! — të pë pata kuma, hemata.

Kihi kë të pë pata hemorokowë yapuruprawë, ïha të pë hemata pata rë rërëoprou xoare, kihi a urihi rë kui, a haikiremahe, horema pëni. A urihi haikire hërimahe, ïhi rë të pë pata rë hëtitiraruhe, pata u ki rë kutarenaha, hei a pita huxomi hami, të pë pata rërëokema. Rërëo xoaokema. Inaha pë ha kuoikuni:

Horema kë pë! Pëma ki kui, inaha të kuprarioma. Horema pë kuonomi. Ihi ihami të pë pata rarokema. Pëma të pë kea-mapë, yuri pëma pë wapë, kama horema a xomi kupronomi.

A ihiru ha rarapikini, pë hii iha e kipi rë kupionowei, ki hupirayoma. Ki ihirupi yaprai aheteopë ha, kipi kupionomi, kipi përipionomi, ki aheteponomi. Kipi hupia xoarayoma. Inaha të kuprarioma. Të ha kupraruni:

— *Ti, ti, ti! ti, ti!* — maa a ha keni, ïhi pë kupramopë hami, pruka pë hii pë kui.

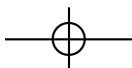
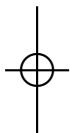
Inaha të ä kutaoma.

O pássaro popomari

Há a história para nós, Yanomami; nos perdermos na mata, ensinou-se, ensinou-se a nos perdermos. Eles tinham uma grande roça, e assim faremos. Aprendemos a nos perder até na roça, de tão grande. Ela se estendia, apesar de ser roça, e aquele um se perdeu. Tem essa história, também. Foi assim.

Há os que existiram no início e que se transformaram, aqueles que existiram; a imagem daquele que gritou existe também na terra dos *napë*. Ele se perdeu, aquele que se perdeu lá, o eco da sua voz voou em todas as partes. Ele gritou, o pássaro *popomari* fez ele se perder. Ela habitou toda a floresta, a voz: *Po! Po! Po! Po! Po! Po! Po!* daquele *popomari*, Popomaritawë se perdeu. Aquele que se perdeu errou de caminho e sua imagem foi embora. Com o eco da sua voz, para toda a floresta se encher de *popomari*. Nós faremos assim, pois nos ensinaram.

Nós também ficamos à deriva em cima dos rios, não voltamos direto. Você se perderá no rio. Ficamos agindo assim, ele sumiu. Ele gritava, gritava e ninguém respondia. Não responderam. Ele se perdeu lá longe, no meio da roça e não responderam. Assim fez, sofreu, por isso, o canto dele se escuta também na terra dos *napë*.

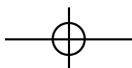
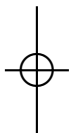
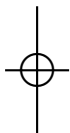


Popomaritawë

YANOMAMI pëma ki mohorupë të kâi kua. Të rë hiranowei. Mohoruu rë hiranowei. Hikari pata a prapoma. Inaha pëma të pë tapë. Të pata ha praukurarini, hikari a makui ha, a mohoru rë kukenowei, të kâi kua. Taprano të hami mai! Ai të pë no patama hami mai! Inaha të kuprarioma.

Hapa, të pë rë kuonowei, ihi të pë rë kuprarionowei, ihi napë pë urihipi hami të pë ã no uhutipi kâi kuprawë, a rë kominowei, a tokurayoma, kihami a rë tokure hami, a wã no uhutipi yëo xo-aomopotayoma. A komii, popomari pë rë kui, Popomaritawë, a mohorumarema. Ihi a rë kui: *Po, po, po, po, po, po, po!* Të pë rë kutouwei, urihi a haikirema. Ihi mohoruno a rii rë yakërayonowei, a no uhutipi huokema, ihi a wã no uhutipi; inaha a urihi no popomarihipi kuprou haikiopë. Inaha pëma ki kuaapë, pëma ki hirama.

Mau u ha pëma ki kâi karëi, pëma ki kâi kôo katitiomi. Mau u hami wa mohorurayou. Inaha pëma ki kuaai rë hëre, a marayoma. A komiprarotima, a komipraroma, e të pë ã huonomi. A wã huanomihe. Hikari mi amo të pata hami, a ma mohorurati, a wã hïrianomihe. Inaha a kuaama, a no preaama, kutaeni, napë a urihi hami të pë ã kâi kuwë. Inaha të pë kui haikiwë.



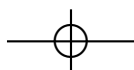
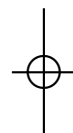
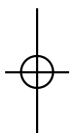
O surgimento da flecha

A HISTÓRIA da flecha. Aconteceu o seguinte. Tinha o dono. Não foi outro que depois de abrir um tipo de roça plantou as flechas. Onde morava o dono, parecia um flechal, essas flechas que eles plantaram em seguida em todos os *xapono*.

Assim que é, porque ele é o dono mesmo. Aquele que descobriu a flecha se chamava Xororiakapëwë, é seu flechal, fará atirar as flechas, aquele que descobriu as flechas, era a imagem das pequenas andorinhas que voam acima da água.

Xororiakapëwë descobriu as flechas, fez as flechas *hauya*. Graças a ele, os Yanomami descobriram a flecha e pegaram-na. O limite do flechal fica na boca do rio subindo; é seu flechal, não é de Yanomami. Eles pegaram as flechas e as espalharam. Ele fez as flechas se multiplicarem.

Os Yanomami não tinham flechas, depois de pegarem-nas e plantarem-nas, eles guerrearam. Antes eram desprovidos, não tinham flechas, eles flechavam com dalas pequenas de arumãs em penas, aquelas flechas nativas, ou de caule de planta *tomi si*. Ofereciam-se essas flechas de má qualidade, pegavam haste de caranarana parecidas com flechas, amarravam penas na extremidade e flechavam com essas flechas de má qualidade. Não existiam flechas de verdade. Foi por ele que os Yanomami se flecharam, pois ele as fez. É o dono mesmo.



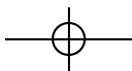
Xereka a rë kuprarionowei

XEREKA a rë kuprarionowei. Weti naha tē kupronomi! Kama pē teri a kua yaro, hawē hikari a pata ha tapramarni, xereka si rë kekenowei ai tē kuami. Kama pē teri pēni pē kuopē ha, a pēriopē ha, hawē inaha si pata kuoma, e tē si pata rë kuprarionowei, ihi tēhē tē rē piyēmai kukenowehei, e si kuoma.

Inaha tē kua, kama pē teri yai. Si rē taprarenowehei, kama a rē pēriowei, ihi a wāha, Xororiakapēwē e si, ihini xereka a niaamapē e si, si rē tapramarenowei, xoro ihi tē pē no uhutipi ihirupi yēi, mau u hami.

Xororiakapēwēni si xereka taprarema. Hauya si tapramarema. Ihi iha si he rē harenowehei, a piyēremahe, kihi ipa u rē para kiri, kihi tē si pata koro, ihi hei ihete rē tē si pata yamoo kurayoi, ihi e si yai, Yanomami tēni mai! Ihi e si piyēremahe. Yanomami tē pēni xereka a ponomihe, pei si piyēremahe, si ha piyērēheni, si ha keariheni, tē pē niayorayoma, hapa.

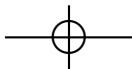
Hapa tē pē hōrimoma, xereka a ponomihe, ruhu masi pē wai xomi niaamahe tiritiri tē pē wai xīro niaamahe mahemahō, urihi hami tē si pē rē kuprai, tomi si poko pē, yāxaamahe, kohere si poko pē hawē xereka pē rē kure, ihi tē pē he ōkawa yāxaai no preomahe. Xereka pē kuami yaro. Ihini Yanomami tē pē niayopē, si taprarema, ihi teri a yai.



Antes do surgimento do terçado

QUANDO não havia terçado, quebravam o peito das tartaruguinhas *pirema*, rachavam pau e amarravam na fenda do pau aquele peito de tartaruguinha, sofriam com esse tipo de ferramentas com as quais abriam roças. Assim faziam no início.

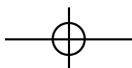
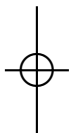
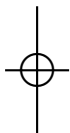
Amarravam também peito de jabuti, derrubavam árvores com machados de pedra, com pedras. Aquelas pretas. Procuravam e juntavam as pedras, afiavam-nas e derrubavam as árvores grandes. Com essas pedras amarradas no pau. Depois de recuperarem todas as pedras, de amarrá-las bem fincadas, eles derrubavam as árvores grandes. Por onde eles moravam, por onde eles habitavam, com a casca do peito das tartaruguinhas, eles cortavam os esteios das casas. Assim que faziam.



Sipara a rē kuprarionowei

SIPARA a mao tēhē, mixiukēmi, misi pē pariki si ha karo-
aheni, pē pariki si hāhopomahe, hāhoa kurenaha tē pē
hāhoaikuo no ha preoheni, ihi tē pē pariki si ha tē pē hikapipi
taoma. Inaha tē pē kuaama, hapa.

Totori pariki si hāhopomahe, poo maro pēni kayapa hi pē
tuyēmahe, maa ma pē, tē pē rē īxii, ihi tē pē ha hokaheni, tē
pē namo ha taheni, kayapa hi pē tuyēmahe. Hāhoa tē pēni.
Pei tē pē ha wākiaheni, tē pē posi ha ōkaaheni, kayapa hi pē
tuyēmahe, ihi pei tē pē pēriapē hami xapono a tapehe, ihi misi
pē pariki sini, tē pē hātopi nahi pēoma. Ihi tē xīro tamahe.



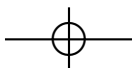
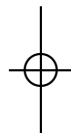
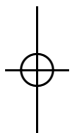
O corte dos cabelos

QUANDO não havia *napë*, sofriam de ter o rosto fechado pelos cabelos que desciam, tinham o rosto como o de mulher por causa dos cabelos. Ele fez o bambu *sunama* e o bambu *waharokoma* aparecerem. Os Yanomami cortavam os cabelos com ponta de tacuará. Quando não o encontravam, usavam o bambu *uhe*. Rasgavam-no e cortavam os cabelos com isso, faziam o corte com esses pedaços. Eles se davam esses pedaços de má qualidade, pois não havia *napë*. As mulheres sofriam com o sangue do corte, quando faziam assim, cortavam a testa, como faziam assim, eles sofriam. No início não havia tesoura.

Qual é o *napë* que apareceria e inventaria aquela tesoura?

No início, se cortavam mutuamente o cabelo com pedaços de tacuará afiados. Partiam o bambu *sunama*, com o qual se cortavam o cabelo mutuamente, com o fio da lâmina. *Kreti! Kreti! Kreti!* Cortavam-se o cabelo mutuamente. Assim que faziam entre eles. Também não havia facão.

Cortavam também a carne com pedaços de tacuará *sunama*, no início.

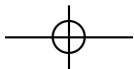


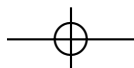
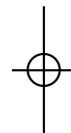
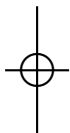
Të pë hemakasi pëyomou rë hapamonowei

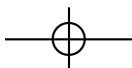
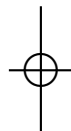
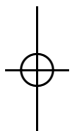
HAPA napë a mao tëhë, pë mi raeke no preaama, të pë henaki itoma, të pë mi raeke no preaama, suwë moheki kurenaha, të pë moheki kuaama, pei të pë henakini, ïhi të rë kui, Sunamau he ki rë pëtamarenowei, Waharokoma ki rë pëtamarenowei, rahaka pë atahuni të pë mi pëoma. ïhi ki he hao mao tëhë, uhe pë wãha yai kua kuhe. ïhi pëni, të pë ha kakaheni, të pë mi tayoma, hõra, hanima, atahu pëni. ïhi të pë yãxaamahe, napë pë kuami yaro, suwë të pë mi ïyë no preaama, inaha të pë taihe ha, huko si pë hani, inaha të pë pata taihe yaro, ïhi të pë ha të pë no preaama.

Hapa nakira pë kuonomi yaro, weti a napë a ha pëtaruni, ki taprapë? Mi haniyou të kuoma hapa. Rahaka namo, rahakaa ātahu të pë haniyoma. Sunama akasi pë kakai piyëohe, ïhi të pë tutakini të pë mi haniyoma. *Kreti! Kreti! Kreti!* Të pë henaki tayoma. Inaha pë tayoma. Xokopi pë kãi kuo mao tëhë, xokopi pë kãi kuonomi.

ïhi Sunama akasi pëni të pë yaropi hanioma. Hapa.







COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A arte da guerra*, Maquiavel
2. *A conjuração de Catilina*, Salústio
3. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
4. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Friedrich Nietzsche
5. *A fábrica de robôs*, Karel Čechov
6. *A história trágica do Doutor Fausto*, Christopher Marlowe
7. *A metamorfose*, Franz Kafka
8. *A monadologia e outros textos*, Gottfried Leibniz
9. *A morte de Ivan Ilitch*, Lev Tolstói
10. *A velha Izerguil e outros contos*, Maksim Górkii
11. *A vida é sonho*, Calderón de la Barca
12. *A volta do parafuso*, Henry James
13. *A voz dos botequins e outros poemas*, Paul Verlaine
14. *A vênus das peles*, Leopold von Sacher-Masoch
15. *A última folha e outros contos*, O. Henry
16. *Americanismo e fordismo*, Antonio Gramsci
17. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
18. *Apologia de Galileu*, Tommaso Campanella
19. *Arcana Coelestia e Apocalipsis revelata*, Emanuel Swedenborg
20. *As bacantes*, Eurípides
21. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
22. *Ação direta e outros escritos*, Voltairine de Cleyre
23. *Balada dos enforcados e outros poemas*, François Villon
24. *Carmilla, a vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
25. *Carta sobre a tolerância*, John Locke
26. *Contos clássicos de vampiro*, L. Byron, B. Stoker & outros
27. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
28. *Contos indianos*, Stéphane Mallarmé
29. *Cultura estética e liberdade*, Friedrich von Schiller
30. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
31. *Dao De Jing*, Lao Zi
32. *Discursos ímpios*, Marquês de Sade
33. *Dissertação sobre as paixões*, David Hume
34. *Diário de um escritor (1873)*, Fiódor Dostoiévski
35. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin
36. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
37. *Don Juan*, Molière
38. *Dos novos sistemas na arte*, Kazimir Maliévitch
39. *Educação e sociologia*, Émile Durkheim
40. *Édipo Rei*, Sófocles
41. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
42. *Émile e Sophie ou os solitários*, Jean-Jacques Rousseau
43. *Emília Galotti*, Gotthold Ephraim Lessing
44. *Entre camponeses*, Errico Malatesta
45. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
46. *Escritos revolucionários*, Errico Malatesta
47. *Escritos sobre arte*, Charles Baudelaire
48. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
49. *Eu acuso!*, Zola/ *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
50. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte
51. *Fedro*, Platão
52. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
53. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
54. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
55. *Fé e saber*, Georg W. F. Hegel

56. *Gente de Hemsö*, August Strindberg
57. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
58. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
59. *História da anarquia (vol. II)*, Max Nettlau
60. *História da anarquia (vol. I)*, Max Nettlau
61. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
62. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
63. *Inferno*, August Strindberg
64. *Investigação sobre o entendimento humano*, David Hume
65. *Jazz rural*, Mário de Andrade
66. *Jerusalém*, William Blake
67. *Joana d'Arc*, Jules Michelet
68. *Lira grega*, Giuliana Ragusa (org.)
69. *Lisistrata*, Aristófanes
70. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
71. *Manifesto comunista*, Karl Marx e Friederich Engels
72. *Memórias do subsolo*, Fiódor Dostoiévski
73. *Metamorfoses*, Ovídio
74. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
75. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown
76. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
77. *No coração das trevas*, Joseph Conrad
78. *Noites egípcias e outros contos*, Aleksandr Púchkin
79. *O casamento do Céu e do Inferno*, William Blake
80. *O cego e outros contos*, D. H. Lawrence
81. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
82. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Marquês de Sade
84. *O destino do erudito*, Johann Fichte
85. *O estranho caso do dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Robert Louis Stevenson
86. *O fim do ciúme e outros contos*, Marcel Proust
87. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
88. *O ladrão honesto e outros contos*, Fiódor Dostoiévski
89. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
90. *O mundo ou tratado da luz*, René Descartes
91. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
92. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E. T. A. Hoffmann
93. *O primeiro Hamlet*, William Shakespeare
94. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Piotr Kropotkin
95. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Mikhail Bakunin
96. *O príncipe*, Maquiavel
97. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
98. *O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde
99. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
100. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, P. B. Shelley
101. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, John Keats
102. *Odisseia*, Homero
103. *Oliver Twist*, Charles Dickens
104. *Origem do drama barroco*, Walter Benjamin
105. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
106. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rudolf Rocker
107. *Para serem lidas à noite*, Ion Minulescu
108. *Pensamento político de Maquiavel*, Johann Fichte
109. *Pequeno-burgueses*, Maksim Górkii
110. *Pequenos poemas em prosa*, Charles Baudelaire
111. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Robert Stoller
112. *Poemas*, Lord Byron

113. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
114. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
115. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
116. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
117. *Præterita*, John Ruskin
118. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
119. *Rashômon e outros contos*, Ryûnosuke Akutagawa
120. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Mikhail Bakunin
121. *Robinson Crusoe*, Daniel Defoe
122. *Romanceiro cigano*, Federico García Lorca
123. *Sagas*, August Strindberg
124. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
125. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
126. *Sobre a filosofia e seu método (Parerga e paralipomena)* (v.II, t.I), Arthur Schopenhauer
127. *Sobre a liberdade*, Stuart Mill
128. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Friedrich Nietzsche
129. *Sobre a ética (Parerga e paralipomena)* (v.II, t.II), Arthur Schopenhauer
130. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Emma Goldman
131. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
132. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
133. *Sobre verdade e mentira*, Friedrich Nietzsche
134. *Sonetos*, William Shakespeare
135. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Leonardo da Vinci
136. *Teleny, ou o reverso da medalha*, Oscar Wilde
137. *Teogonia*, Hesíodo
138. *Trabalhos e dias*, Hesíodo
139. *Triunfos*, Petrarca
140. *Um anarquista e outros contos*, Joseph Conrad
141. *Viagem aos Estados Unidos*, Alexis de Tocqueville
142. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
143. *Viagem sentimental*, Laurence Sterne

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *A carteira de meu tio*, Joaquim Manuel de Macedo
2. *A cidade e as serras*, Eça de Queirós
3. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
4. *A família Medeiros*, Júlia Lopes de Almeida
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Auto da barca do inferno*, Gil Vicente
7. *Bom crioulo*, Adolfo Caminha
8. *Cartas a favor da escravidão*, José de Alencar
9. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida
10. *Crime*, Luiz Gama
11. *Democracia*, Luiz Gama
12. *Direito*, Luiz Gama
13. *Elixir do pajé: poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
14. *Eu*, Augusto dos Anjos
15. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
16. *Helianto*, Orídes Fontela
17. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
18. *Iracema*, José de Alencar
19. *Liberdade*, Luiz Gama
20. *Mensagem*, Fernando Pessoa
21. *Meridiano 55*, Flávio de Carvalho
22. *O Ateneu*, Raul Pompeia

23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O desertor*, Silva Alvarenga
25. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
26. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
27. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Fernando Pessoa
28. *Teatro de êxtase*, Fernando Pessoa
29. *Transposição*, Orídes Fontela
30. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
31. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
32. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
33. *Índice das coisas mais notáveis*, Antônio Vieira

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *8/1: A rebelião dos manés*, Pedro Fiori Arantes, Fernando Frias e Maria Luiza Meneses
2. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile
3. *A sociedade de controle*, J. Souza; R. Avelino; S. Amadeu (orgs.)
4. *Ativismo digital hoje*, R. Segurado; C. Penteado; S. Amadeu (orgs.)
5. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
6. *Descobrimos o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Desinformação e democracia*, Rosemary Segurado
8. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
9. *Labirintos do fascismo* (v.III), João Bernardo
10. *Labirintos do fascismo* (v.II), João Bernardo
11. *Labirintos do fascismo* (v.IV), João Bernardo
12. *Labirintos do fascismo* (v.I), João Bernardo
13. *Labirintos do fascismo* (v.VI), João Bernardo
14. *Labirintos do fascismo* (v.V), João Bernardo
15. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
16. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
17. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
18. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
19. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
20. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A folha divina*, Timóteo Verá Tupã Popygua
2. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
3. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popygua
4. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
5. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira
6. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
7. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
8. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin-Gallois
9. *Não havia mais homens*, Luciana Storto
10. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
11. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
12. *Os Aruaques*, Max Schmidt
13. *Os cantos do homem-sombra*, Patience Epps e Danilo Paiva Ramos
14. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
15. *Xamanismos ameríndios*, A. Barcelos Neto, L. Pérez Gil & D. Paiva Ramos

COLEÇÃO «ECOPOLÍTICA»

1. *Anarquistas na América do Sul*, E. Passetti, S. Gallo; A. Augusto (orgs.)
2. *Ecopolítica*, E. Passetti; A. Augusto; B. Carneiro; S. Oliveira, T. Rodrigues (orgs.)
3. *Pandemia e anarquia*, E. Passetti; J. da Mata; J. Ferreira (orgs.)

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na data de 20 de
janeiro de 2026, em papel Pólen Soft 80, composto em tipografia
Libertine, 11 pt, com diversos softwares livres,
dentre eles Lua^ATeX^E git.
(v. 3077325)

